



Editorial

E nós queríamos

Nos meus anos verdes, Paris 1968, marchava pelas ruas do Quartier Latin, cujo lema utópico dos jovens era: "peça o impossível e o obterás". Hoje, na maturidade, em que 1968 foi o ano que não passou, a revista *Persona Mulher* comemora 21 anos de existência – uma utopia que se tornou real

Vinte e um anos de existência de uma escrita feminina diferenciada, de ideal em marcha, que na travessia do deserto pede passagem. Teima em existir de modo a unir as mulheres de todas as cores e credos, que uníssonas clamam por uma ambição: serem respeitadas. Ao longo da estrada, às vezes desanimadora, a ordem é prosseguir. O caminho é exaustivo e a recompensa advém de almas puras de pessoas especiais. É um veículo que não prioriza a futilidade, que não possui colonismo social, que não detém poder econômico, que luta para preservar sua bandeira de integridade ao manter sua tribuna livre. De perfil cultural, a unir a mulher sem fronteira, não dispõe de nenhum apoio do governo brasileiro, cuja prioridade tem sido o de manter o poder pelo poder, em que a causa da mulher, apesar de termos uma mulher presidente em seu governo, às vezes dito feminista, serve para desviar o foco da ingovernabilidade que o

cerca, estimulando as divisões de classes a garantir-lhe sustentação, colocando negros x brancos, pobres x ricos.

Outro *slogan* que nos motivava à época parisiense era "corra que o Velho Mundo nos persegue". E a *Persona Mulher* tem corrido à frente em sua linha editorial. Visa a ser um tijolinho na construção de uma nova ordem social. Luta por uma sociedade igualitária em seu percurso. Rejeita os rótulos préestabelecidos e caminha para o amanhã, a transformar-se em uma revista digital, a unir as mulheres de Língua Portuguesa, em uma bandeira que não tem fronteiras, a exemplo do projeto da Editora Persona de construir o Memorial Internacional da Mulher, um altar a ser erigido às mulheres do mundo em Brasília, mas que infelizmente não tem patrocínio.

Nesta edição, estão algumas das reportagens retrospectivas com mulheres que marcaram época, que contribuíram e contribuem para um

mudar o Mundo!

mundo melhor em segmentos diversos. Vanguardistas de todos os tempos, em que descerramos a cortina da História – muitas vezes não revelada, cujos arquivos oficiais encobrem os feitos femininos. Muitas das que pertencem à nova geração, guerreiras anônimas, como Alice Cunha que venceu na Áustria a Olimpíada Nuclear, como a afrodescendente Gabriela Sampaio, premiada em Harvard, pelo diagnóstico antecipado da endometriose. Jovens guerreiras, que pelo estudo, com dignidade, estão marcando trajetórias com esforço próprio, não sujeitas à corrupção. É o caso do testemunho de vida prestado pela almirante Dalva Maria Carvalho Mendes sobre seu caminho patriótico.

A *Persona Mulher* faz das palavras da ministra do Supremo Tribunal Federal, Cármen Lúcia, sua alavanca: "Precisamos ter a audácia dos canalhas", a representar a coragem de protestar, de se rebelar, de não ser servil ante a espiral do vazio cívico reinante.

Como símbolo de todas as mulheres de ontem e hoje que integram

este fulgurante mosaico humano, esta edição destaca desde Maria Madalena que sofreu o ciúme pela liderança que deteve no cristianismo a Revolução Francesa oriunda de mulheres do povo, que inconscientemente já tinham em suas mentes os ideais de *liberté, égalité et fraternité*. Registro como símbolo maior do século XX, a figura da polonesa Marie Curie, benfeitora da humanidade que, mesmo tendo recebido por duas vezes o Prêmio Nobel pela descoberta que fez do Rádio, abrindo caminho para a cura do câncer pela radioterapia, não perdeu a simplicidade dos que conhecem o porquê da vida. Marie Curie a quem Einstein, referiu-se como "o único sábio a quem a glória não subiu à cabeça"

Muitas são. Em todas as partes elas estão. Mulheres em suas diversidades, maltratadas, discriminadas, parindo anjos, abraçando ilusões, assustadas, recatadas e oferecidas, voando além, pois voar é gesto de mulher, e a *Persona Mulher* faz da escrita o seu voo.

Some conosco nessa causa maior!◆

A Persona Mulher faz das palavras da ministra do STF, Cármen Lúcia, sua alavanca: "...precisamos ter a audácia dos canalhas", a representar a coragem de protestar, de se rebelar, de não ser servil, ante a espiral do vazio cívico reinante

Maria Lúcia d'Ávila Pizzolante

Presidenta do Grupo *Persona Mulher*
luciapizzolante@personamulher.com

Sumário

08 16 20 22 72



08 Marta supera Pelé

10 Mulher no esporte e na política

13 Rio, 450 anos de mulheres maravilhosas

16 Viver pela liberdade

20 O adeus de Gisele

22 Diagnóstico antecipado

26 Preconceito na Magistratura

28 Saga de uma refugiada

38 O grito das mulheres

42 Maio de 1968

Revolução dos Cravos: Sempre! 44

Toda forma de amor vale a pena 47

Orgasmo: direito a ser reivindicado 49

Inspiração maior 52

Tráfico de mulheres 56

Estrela da ciência 60

Anjo de Hamburgo 62

As criminosas do Sertão 70

Mulheres votam 72

O feminismo liberta o homem 74

EXPEDIENTE:

Diretora-Presidenta: Maria Lúcia d'Ávila Pizzolante (DRT/DF2032/2) **Diretor Internacional:** Embaixador Zouheir Al-lagui **Redatora-Chefe:** Marcia Silveira **Diretora de Projetos:** Maria Eugênia Stein **Fotógrafo:** Wilson Ribeiro **Relações Públicas:** Michelle Pizzolante **Lisboa:** **Agente Cultural:** Alex de Lima **Jornalismo:** Sofia Ferreira **Correspondentes:** **Pernambuco:** Cylene Araujo **Santa Catarina:** Maria Helena Silveira **Bahia:** Helô Sampaio **França:** Kenya Zanola **Alemanha:** Nathália Vitola **Capa:** Amanda Viviele **Diagramação:** Marmin Comunicação **Impressão:** Gráfica Coronário **Editora Persona:** QMSW Quadra 5, Lote 2, Conj. C-25, Brasília/DF. CEP:- 70 680 500 **Portugal:** Rua de Santa Cruz ao Castelo, 10 - Segundo Direito, Lisboa, Código Postal:1100-157 Tel.: 351-218361 523 **Tiragem:** 30 mil exemplares **Portal:** www.personamulher.com **Sugestões:** persona@revistapersonamulher.com.br



Qualidade de vida para viver Brasília



VIVABRASÍLIA
NOSSO PACTO PELA VIDA

UMA NOVA MANEIRA DE COMBATER A VIOLÊNCIA EM NOSSA CIDADE.

Mais do que um programa inovador, "Viva Brasília, nosso Pacto Pela Vida" é um compromisso do Governo de Brasília com a segurança de toda a população. Agora, é justamente o cidadão brasiliense que aponta o que precisa ser feito pelo Governo para a melhoria de sua qualidade de vida. Outro diferencial é a atuação de todos os órgãos públicos, de maneira integrada, para resolver tais problemas evidenciados pelo povo. E os resultados já começaram a aparecer: o número de homicídios caiu em 15,9%, comparado ao mesmo período (janeiro a setembro) do ano passado. Uma redução expressiva, evidenciando que Governo e comunidade, juntos, caminham na direção certa, para que Brasília seja um lugar mais seguro de se viver.

Saiba mais em www.vivabrasilia.ssp.df.gov.br.

Secretaria da
Segurança Pública
e da Paz Social



GOVERNO DE
BRASÍLIA

CAREY
MULLIGANHELENA
BONHAM CARTERHELENA
GLEESONEMMELINE
PANKHURST
DILLMERYL
STREEP

CINEMA

AS SUFRAGISTAS

DA REDAÇÃO

Baseado em fatos reais e históricos, o longa, ambientado na Londres do início do século XX, relata como um grupo de mulheres se unem e se rebelam contra o preconceito de gênero, reivindicando o direito ao sufrágio como cidadãs. Em um momento histórico claramente machista, não é difícil imaginar que a luta não foi fácil.

Dirigido por Sarah Gavron, a história relembra a luta das mulheres e toca em feridas muitas vezes esquecidas. Com o avanço da urbanização e da industrialização, as mulheres ansiavam em ter um lugar na sociedade. No ano de 1848, elas se rebelam contra as injustiças de gênero que as destituem de direitos básicos da cidadania. Assim, o movimento sufragista, que reivindicou o direito ao voto feminino, ganhou força. Elas que resistiam à

opressão de forma pacífica, frente a crescente agressão da polícia, decidiram se rebelar publicamente para mudar a história.

As Sufragistas conta com a interpretação de Helena Bonham Carter no papel de Edith Ellyn, uma ex-professora que passou a ajudar nas campanhas da organização "Women's Social and Political Union", quando rodou a Inglaterra para mobilizar mulheres a lutar por seus direitos, incluindo, principalmente, o direito ao voto. Meryl Streepp interpreta Emmeline Pankhurst, líder do movimento pelo sufrágio feminino, fundadora da WSPU. Carey Mulligan interpreta Maud Watts, uma mulher simples que trabalha com seu marido em uma lavanderia. Mas um dia, Maud reconhece uma companheira de trabalho entre os manifestantes de um grande protesto e percebe que deve reivindicar sua dignidade. ♦

Filme relata a união de um grupo de mulheres que se rebelou contra o preconceito de gênero e mudou a história



A OLIMPIADA VAI DEIXAR MUITAS HISTÓRIAS. SEUS FILHOS VÃO CORRER, BRINCAR E ESTUDAR NELAS.

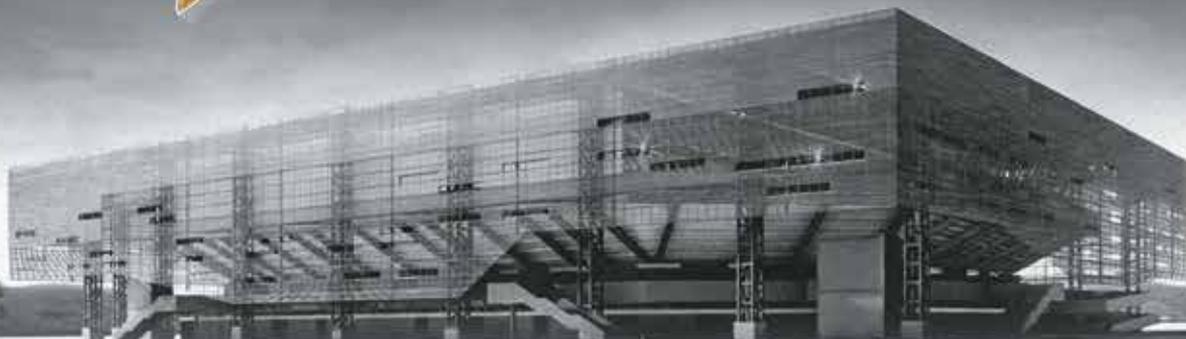
O FABIANO ACORDA TODO DIA ÀS 4 DA MANHÃ E PEGA UM ÔNIBUS, DOIS TRENS E UM BRT PARA CHEGAR AO TRABALHO. A MAYARA COMEÇOU NO ESPORTE ANTES MESMO DE NASCER: SUA MÃE JOGAVA HANDEBOL GRÁVIDA DE 3 MESES. A SIRLENE CRIOU UMA BIBLIOTECA NA PRÓPRIA CASA, QUE JÁ DESPERTOU A PAIXÃO PELA LETURA EM MAIS DE 200 CRIANÇAS DO CAMORIM. TRÊS PESSOAS DIFERENTES. TRÊS VIDAS DIFERENTES. ATÉ QUE, VETAM SÓ, APARECEU UMA OLIMPIADA. HOJE O FABIANO ESTÁ AJUDANDO A CONSTRUIR A ARENA DO FUTURO, ONDE MAYARA, CAMPEÃ MUNDIAL E JOGADORA DA SELEÇÃO BRASILEIRA, VAI ATUAR. E QUE, DEPOIS DOS JOGOS, VAI DAR ORIGEM A 4 ESCOLAS DE ENSINO INTEGRAL, UMA DELAS PERTINHO DA BIBLIOTECA DA SIRLENE. VENDO A HISTÓRIA DESSES TRÊS, COM TANTO ORGULHO EM FAZER UM RIO MELHOR, A GENTE ENTENDE POR QUE 2016 ESTÁ VINDO PRA FICAR. E PARA ENTRAR DE VEZ NA VIDA DO FABIANO, DA MAYARA, DA SIRLENE E NA DE TODOS OS 6,5 MILHÕES DE CARIOCAS.

CONHEÇA OUTRAS HISTÓRIAS EM WWW.CIDADEOLIMPICA.RIO



CIDADE OLÍMPICA

2016 O ANO QUE VEM PRA FICAR





Veloz, vibrante, guerreira, ultrapassou o rei sendo a maior artilheira da Seleção

MARTA SUPERA PELÉ

DA REDAÇÃO

Marta Vieira da Silva nasceu em Dois Riachos, cidade pobre com cerca de 11 mil habitantes no sertão de Alagoas, a 187 km da capital, Maceió. Eleita por cinco vezes, sendo três consecutivas, como a melhor jogadora do mundo, a craque faz história com a camisa da Seleção. Mas para chegar até aqui, teve que driblar uma infância pobre, a falta do pai, de trabalho e de escolaridade.

Obstáculos não faltaram na vida dessa alagoana, mas como no futebol, ela driblou as dificuldades. A camisa 10 da Seleção Brasileira de Futebol Feminino vendeu muito picolé pelas ruas antes de se tornar a "rainha do futebol mundial". "Com a saída do meu pai logo cedo de casa, meu irmão tomou conta da gente e de tudo. Morava mais na casa da minha avó do que com minha mãe, porque ela trabalhava o dia inteiro e só voltava para casa à noite. Ficávamos ali o dia inteiro brincando, vendendo picolé e feijão na feira", lembra Marta. As boas atuações com jogadas perfeitas e dribles espetaculares fizeram Marta ganhar projeção, recebendo do próprio rei o apelido de "Pelé de saias". E, hoje, a fã ultrapassou o

ídolo. A craque, recentemente, ao fazer três gols no primeiro tempo do amistoso contra Trinidad e Tobago, chegou aos 98 gols com a camisa amarela, superando Pelé, autor de 95 gols. Foram 100 jogos para a atleta se consagrar como a maior artilheira da Seleção. Pelé precisou de 114 partidas para atingir a marca de 95 gols.

Vale lembrar ainda que a camisa 10 sustenta o posto de atleta mais laureada da história do futebol feminino: foram cinco troféus de Melhor Jogadora do Mundo; o último veio em 2010. Na Copa do Mundo de futebol feminino, neste ano, Marta se tornou a maior artilheira da competição, com 15 gols. Ela também já ganhou o prêmio de melhor jogadora do mundo por cinco vezes, sendo a única mulher a ter os pés gravados na calçada da fama do Maracanã. ♦



A TAP CURTE NOVAS EXPERIÊNCIAS. A TAP CURTE VOCÊ.



Mais de 75 voos semanais saindo de 12 cidades brasileiras (Belém, Belo Horizonte, Brasília, Campinas, Fortaleza, Manaus, Natal, Recife, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo), direto para Lisboa e/ou Porto e de lá com excelentes conexões para mais de 50 destinos europeus. E a cada viagem para um destino além Portugal, na ida ou na volta, é permitida uma parada em Lisboa ou Porto sem qualquer custo adicional na tarifa*.

Escolha a companhia aérea que mais voa entre Brasil e Europa.

**Consulte condições com nossa Central de Vendas 0300 210 60 60*



Acesse flytap.com ou consulte seu agente de viagens

 /tapbrasil

A STAR ALLIANCE MEMBER 



▲ Da esquerda para a direita deputadas: Rosângela Zeidan, Martha Rocha, Daniele Guerreiro, Ana Paula Rechuan e Márcia Jeovani

MULHER NO ESPORTE E NA POLÍTICA

DA REDAÇÃO C/ASCOM ALERJ

A Comissão Especial para o Empoderamento da Mulher no Esporte e na Política foi instalada por um grupo de deputadas, em 23 de setembro último, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj). As parlamentares Martha Rocha (PSD), Daniele Guerreiro (PMDB) e Zeidan (PT) foram nomeadas presidente, vice-presidente e relatora, respectivamente. Também participaram da reunião as deputadas Márcia Jeovani (PR) e Ana Paula Rechuan (PMDB).

Foi de Martha Rocha a iniciativa de sugerir a criação do grupo. A inspiração veio do projeto de lei nº 515,

em tramitação no Senado Federal. De autoria dos senadores Fátima Bezerra (PT-RN), Romário (PSB-RJ) e Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM), o texto propõe que 2016 seja considerado o ano do empoderamento feminino na política e no esporte. “O calendário de 2016 se refere a esses dois fatos. Primeiro, com as Olimpíadas e depois com as eleições municipais em 2016. E nada melhor do que pensarmos sobre a participação das mulheres no esporte e na política. Embora, hoje, as mulheres já tenham destaque em alguns esportes, o curioso é que não há mulheres treinando mulheres. Sempre vemos os homens treinando-as. Eu quase

ALERJ instala comissão para oferecer as proposições necessárias ao fortalecimento da mulher no esporte e na política

ouso a dizer que o esporte tem traço masculino”, ressalta.

A ideia, segundo a deputada, é exatamente fazer um diagnóstico de como está não só a participação da mulher no esporte, mas de qual é a retaguarda, o apoio, que essas mulheres recebem para continuar competindo, incluindo o paradesporto. “Nossa ideia é dividir o estado em regiões e visitar os municípios que tenham exemplos de experiências exitosas nesse sentido, a exemplo de Mesquita que tem um curso de arbitragem para as mulheres, que tem tudo a ver com o empoderamento da mulher no esporte”, observa. Assim, a Comissão verificará o que é necessário para que haja o empoderamento. “Eu tive uma conversa com a Rose do Rio, personagem campeã, ex-jogadora de futebol feminino, que disse que profissionais das olimpíadas do futebol feminino hoje sobrevivem vendendo doces. O esporte e a cultura são dois instrumentos de inclusão social, de afastar o jovem da violência, mas esse jovem tem que ter um encaminhamento. O tempo é

cruel no tocante ao esporte. Queremos fazer esse diagnóstico e oferecer as proposições para fortalecer a participação da mulher no esporte e na política.”

Com relação a participação da mulher na política, em estudos preliminares, a Comissão aponta que dos 92 municípios do Estado do Rio, somente dez elegeram mulheres como prefeitas. Do total de 1007 vereadores no Estado, apenas 94 são mulheres. Na Assembleia Legislativa, entre os 70 deputados eleitos em 2014, só nove são mulheres, menos de 13% do total. Na legislatura anterior eram 13 deputadas. Os dados apontam que apesar da cota de 30% estabelecida por lei para candidatas nas listas partidárias esse cenário ainda é predominantemente masculino. “Vemos que há uma redução, inobstante de termos uma presidente da República. Isso quer dizer que a figura de uma mulher no mais alto cargo do executivo por si só não foi capaz de contaminar, no melhor sentido da palavra, todos os cargos”, analisa. ♦

▼ Hoje o quadro de arbitragem da CBF conta com cerca de 60 mulheres, entre elas apenas sete são árbitras principais



FOTO: REPRODUÇÃO

QUE HORAS ELA VOLTA?

DA REDAÇÃO

O longa dirigido por Anna Muylaert, premiado em Sundance e Berlim, pode representar o Brasil na categoria de Melhor Filme de Língua Estrangeira na 88ª premiação anual promovida pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. Anna é a primeira mulher a representar o país às portas da Academia. Antes dela, Suzana Amaral fez isso, com *A hora da Estrela*.

Estrelado por Regina Casé, *Que horas ela volta?* conta a história de Val, uma nordestina que deixa sua filha pequena com a mãe em Pernambuco para conseguir trabalho em São Paulo. Na cidade, consegue emprego de babá, sendo uma segunda mãe para o filho de um

casal de classe média alta. Após treze anos, sua filha, Jéssica, interpretada por Camila Márdila, entra em contato para dizer que está indo a São Paulo para prestar vestibular. Apoiada por seus patrões, Val prepara a vinda da filha, que romperá o cotidiano da família. Jéssica incomoda ao contestar o conformismo da mãe e o preconceito dos patrões, despertando ressentimentos, desejos e ciúmes.

O filme, mistura drama e um toque de humor para abordar o característico choque de classes no País. Ao confrontar o Nordeste e o Sudeste, os ricos e os pobres, Muylaert consegue enfatizar a relação opressiva, que ainda predomina no trabalho doméstico no Brasil, onde a conquista dos direitos trabalhistas é muito recente. ♦

Filme que questiona a base escravocrata no ambiente doméstico sendo escolhido para representar o Brasil na disputa por uma vaga ao Oscar 2016



► Os anfitriões
Maria Lúcia
Pizzolante e
Zouheir Allagui
ao lado dos
atores que
representaram a
realeza

RIO 450 ANOS DE MULHERES MARAVILHOSAS

Celebração do Rio 450 Anos de Mulheres Maravilhosas, reuniu o melhor da sociedade lisboeta, em evento de exaltação a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro

DA REDAÇÃO

As comemorações dos 450 Anos do Rio de Janeiro, que serão encerradas em janeiro de 2016, teve como palco em Lisboa dois eventos altamente celebrados pela revista *Persona Mulher*, cuja edição especial foi lançada no Grêmio Literário e, a posteriori, relançada na residência do embaixador do Brasil Mário Vilalva, por ocasião do dia 7 de setembro, data comemorativa a Independência do Brasil.

Em solenidade de época, no emblemático Grêmio Literário de Lisboa, de decoração vitoriana, cuja carta régia foi sancionada pela rainha D. Maria I, nascida carioca, com o nome de Maria da Glória, filha de D. Pedro I, realizou-se o lançamento da revista *Persona Mulher*, promovido por Maria Lúcia d'Ávila Pizzolante, sua presidente e que contou com o patrocínio do Instituto Camões, órgão do Ministério de Negócios Estrangeiros de Portugal.

Com perfil de gênero, a história da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi registrada com uma home-

nagem às mulheres que no passado e no presente contribuíram e contribuem para que a capital de todos os brasileiros viesse a ser designada Cidade Maravilhosa.

Tendo como elo de integração a língua lusitana, a edição resgatou a influência de Portugal no desenvolvimento da cidade. A comemoração iniciou no salão nobre com a presença de embaixadores, deputados, intelectuais em que se incluiu a melhor sociedade lisboeta, oportunidade que deu lugar a uma homenagem poética a ex-primeira-dama de Portugal, Maria Barroso, pelo que representou de pioneirismo em seu país, seguido pelo Hino Nacional do Brasil. A mesa foi composta pelo presidente do Grêmio Literário José Macedo e Cunha, o embaixador Má-

Persona *mulher*

É assim que se faz



rio Vilalva, doutora Paula Saraiva, diretora do Instituto Camões e Maria Lúcia d'Ávila Pizzolante, que destacou a linha editorial do veículo luso brasileiro que atua pelo empoderamento global da mulher.

Nos jardins, onde foi servido o coquetel, o hino Cidade Maravilhosa abriu os festejos, em ritmo de carnaval, tendo como cantoras Felicidade Susy Costa, que também é embaixatriz do Brasil junto a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e a baiana Nega Jaci, que animaram a festa, a saudar a Cidade de Encantos Mil, a exemplo do Antônio de Almeida Santos, presidente honorário do Partido Socialista, a deputada Maria de Belém, atual candidata a presidência da República de Portugal, dentre escritores, membros do corpo diplomático e empresários que confraternizaram com o clima de que ser carioca é um estado de espírito.



FOTOS: JOSÉ A. CARVALHO

Associando-se às comemorações do dia 7 de setembro, quando se comemora a Independência do Brasil, na suntuosa residência de Vânia e Mário Vilalva, chefe da representação diplomática do país em Portugal, para 1500 convidados, na solenidade maior da diplomacia internacional, a Persona Mulher relançou seu caderno temático, como veículo cultural que une os dois países irmãos. É a revista brasileira que sem apoio do governo, atravessa o Atlântico, a demonstrar o lado bom, deste Brasil brasileiro.

Nos jardins da residência, onde situou-se o evento, o Brasil esteve presente com sua música, através da Nega Jaci, em sua culinária, com direito ao acarajé, bolinhos de feijão, a imperdível caipirinha, e com muito axé a noite decorreu em uma confraternização, que reuniu ministros de Estado, dezenas de diplomatas, o *crème de la crème*. ♦



ESPAÇO ARTE LIVRE



Milu Ferreira, a grande curadora de artes de Lisboa, que tem em seu ateliê, quadros dos artistas mais renomados da pintura contemporânea, a todos recebe com *savoiar a faire* que a caracteriza como a grande dama do mercado de artes.

Avenida da Liberdade, 65,
Primeiro andar -Lisboa -
Portugal
Tel: 351-213 247 090
ealivre@gmail.com



Fernando Pessoa Multiple

VIVER PELA LIBERDADE

Mãe de Antônio Costa, primeiro-ministro de Portugal, tem trajetória própria, como feminista, escritora, em que fez da atividade jornalística, um libelo na defesa das grandes causas de seu tempo

MARIA LÚCIA PIZZOLANTE

Maria Antônia Palla, debaixo da uma voz suave, ergue-se alguém de posições firmes em embates travados contra a injustiça social. Vanguardista, numa época de extremo conservadorismo, foi uma das primeiras a pedir o divórcio no país. Pioneirismo que prosseguiu quando deixou de ser rainha do lar para ser a primeira inscrita no Sindicato dos Jornalistas, onde chegou a vice-presidência. Na defesa da descriminalização do aborto, sentou no banco dos réus, em ação criminal que lhe foi movida. Na ocasião, o tribunal ficou superlotado por mulheres que foram lhe prestar apoio.

Em entrevista exclusiva à revista *Persona Mulher*, a autora do livro “Viver pela Liberdade”, fala de sua trajetória, em que esta palavra sempre reinou absoluta. Palla que desde a infância foi educada por esquerdistas, pai e avós paternos, teve sua militância voltada para a defesa das injustiças sociais, em que a ousadia cunhou seu trabalho jornalístico, definindo-se como uma mulher de causas, para quem, “imprensa com censura, é povo sem verdade”. Ao discorrer sobre sua vida, relembra da casa do avô paterno em Seixal, onde cresceu. Lar, onde não havia imagem de santos, Cristo era tido como um pensador respeitável e a pregação de padres nas paróquias, era algo impensável.

Maria Antônia Palla, presenciou momentos marcantes da história contemporânea de Portugal. Em regime

ditatorial, já reivindicava o “é proibido proibir”. Como chefe de redação, cada vez que ouvia pelo rádio o pipocar de um movimento revolucionário, lá ia ela como repórter e cidadã, participar das passeatas de protestos que a polícia reprimia com violência. Seu filho, Antônio Costa, hoje primeiro-ministro de Portugal, desde os dez anos de idade a acompanhava pelas ruas de Lisboa. Antônio, cresceu e habituou-se a participar das reuniões clandestinas realizadas em sua casa, em um entra e sai, permanente. Tanto seu pai como seu atual padrasto, são homens que se notabilizaram pela contestação ao regime de então. “Antônio cresceu revolucionário e aos 14 anos se filiou ao Partido Socialista, do qual se tornou secretário geral”, relembra Antônia.

Lutas de ideal em marcha, próprias de quem se dedicou pela busca de igualdade e pela democracia. Mãe emancipadora, mulher emblemática, defensora das causas feministas. Ativista insubordinada

e socialista ferrenha, Maria Antônia sempre reivindicou o direito de pensar heterodoxamente. O caminho para a liberdade, segundo ela, é o da socialdemocracia, enquanto não houver outro melhor.

Revolução dos Cravos

“Vivi o 25 de Abril como jornalista”. As palavras são firmes ao narrar os seus caminhos como libertária. Lembra esse momento épico em que na Baixa da Cidade se concentraram os revolucionários com carros de combate e soldados a partilhar o raiar de um novo dia, por ela há muito sonhado.

Aborto não é crime!

O aborto foi sua luta mais veemente, pela qual chegou a sentar no banco dos réus por “ofensa ao pudor e incitamento ao crime”, após a queixa prestada pela direção da Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa, pela autoria do programa da RTP “Aborto não é Crime”, incluído na série Mulher e emitido em fevereiro de 1976. Absolvida em 1979, o seu processo funcionou como base de lançamento da campanha para a despenalização do aborto, a chamada Campanha Nacional para a Contração e Aborto.

A Constituição de 1976, aprovada depois da revolução, de fato, garantiu às mulheres a maior parte dos direitos, inclusive a proteção à maternidade, considerada uma função social importante, de acordo com Maria Antônia. “Mas muitas mulheres acharam que isso não bastava. Havia uma liberdade que não tinha sido considerada que era a de



querer ou não querer ser mãe, poder ou não poder ser mãe”, destaca.

Expertise sobre o assunto casamento, é favorável a instituição, “que bem provido faz bem à mulher”, observa. Na vida pessoal, foram três e dois divórcios. O primeiro com o escritor Orlando Costa, pai de seu filho único. A terceira união com o coronel do Exército Manuel Pedroso Marques dura há 40 anos. “Ele, o coronel, e ela, a generala”, assim brincam os amigos.

Jornalista emblemática, iniciou sua carreira no Diário Popular. Seguiu-se o Século Ilustrado, a Vida Mundial, a Anop e A Capital. Foi cronista do Diário de Notícias, repórter da RTP e trabalhou ainda na revista Máxima.

Esperanças

Ela que sempre procurou não se envolver com as questões políticas relacionadas ao filho, adita: “ele vai acabar com qualquer instabilidade política, propagada pelos adversários para dar receios as pessoas. É um conciliador que vem de longa vivência política e que respeita a ordem democrática”. No lado doméstico, surpreende na cozinha, “a moqueca de camarão que faz é excelente”, declara sorrindo.

Indagada se tudo vale a pena se a alma não é pequena? Responde: “eu acho que sim, porque nem sempre se ganham as guerras, mas vão se ganhando algumas batalhas”, filosofa do alto de seus 82 anos de idade, em que está acima do bem e do mal. ♦



▶ Ao lado do filho Antônio Costa, primeiro-ministro de Portugal



POUSADA DE LISBOA

Vencedora do Prêmio Condé Nast Johansens "Melhor Pequeno e Exclusivo Novo Hotel" na galeria anual que distingue as melhores unidades do mundo, a Pousada de Lisboa – Praça do Comércio apresenta-se como um projeto de reabilitação e renovação de um ponto imperativo de Lisboa

A Pousada de Lisboa, a mais recente unidade do Grupo Pestana Pousadas, foi recentemente distinguida como "Melhor Pequeno e Exclusivo Novo Hotel" nos conceituados prêmios de Excelência da Condé Nast Johansens 2016. O prêmio é uma forma de reconhecer e celebrar a sua excelência. De acordo com Miguel Velez, Administrador das Pousadas de Portugal, "O Grupo Pestana Pousadas, e em especial toda a equipe da Pousada de Lisboa, estão muito satisfeitos pela conquista deste valioso prêmio que é um dos mais importantes do setor hoteleiro e turístico a ní-

vel mundial. A Pousada de Lisboa é uma unidade recente, que já é uma referência da hotelaria em Portugal, cumprindo com os melhores standards da hotelaria internacional, e que ao fim de cinco meses de abertura foi reconhecida internacionalmente."

Implantada num edifício histórico, na Praça do Comércio em Lisboa, a Pousada de Lisboa, inaugurada em junho de 2015, apresenta um projeto

único na cidade de Lisboa, pela sua localização, conceito e dinâmica. Está integrada na categoria Monument Hotel, que a distingue pela sua qualidade e relevância patrimonial e integra a brand internacional Small Luxury Hotels of the World, atribuindo-lhe reconhecimento internacional ao nível dos melhores hotéis boutique do mundo. É composta por 90 quartos, divididos pelos segmentos Standard, Superior, Deluxe, Duplex e Suites, um restaurante, bar e uma esplanada onde a gastronomia está a cargo do Chef Tiago Bonito, Cozinheiro do Ano em 2011, e tem ainda ao dispor dos seus hóspedes um Magic Spa, piscina, sauna, sala de tratamentos, fitness center, um salão nobre para eventos e uma sala de reuniões.

Com um ambiente urbano e sofisticado, convida a uma “pausa” para apreciar o melhor da cultura portu-

guesa: na sua decoração destaca-se um conjunto de obras de arte que estavam armazenadas no Museu da Cidade.

Surpreender os clientes e proporcionar o melhor serviço, com atenção pelo pormenor e cuidado no detalhe, é um dos objetivos da Pousada de Lisboa que se distingue pela sua qualidade e relevância patrimonial. ♦

Serviço:

Endereço: Praça do Comércio - Lisboa

Contacto: 218 442 001



MUNDO

“Ser modelo
é um trabalho,
não define
meus valores
ou quem eu
sou como ser
humano”

O ADEUS DE GISELE

DA REDAÇÃO

Gisele Bündchen, que na adolescência sofreu bullying por ser muito alta e magra, reinou absoluta por duas décadas no mundo da moda. A modelo que conquistou o Brasil e o mundo, desfilaro nas passarelas mais cobiçadas dos eventos de moda do planeta, na última edição do São Paulo Fashion Week, em abril, deu adeus as passarelas.

Natural de Horizontina, interior do Rio Grande do Sul, a gaúcha conquistou o mundo com sua beleza, simpatia e simplicidade. Fotografada por milhares de revistas, a brasileira estampou outdoors do mundo inteiro, além de ter feito campanhas para os maiores estúdios de moda.

Eleita a mulher mais bonita do mundo pela Rolling Stone. Em 2000, ela foi também, segundo a revista Forbes, a modelo mais bem paga por anos consecutivos e aparece no Guinness Book como a modelo mais rica. Além de estampar campanhas e desfilas para as maiores grifes, Gisele já viveu momentos polêmicos em sua carreira. Com personalidade forte e destemida, mostrou não ligar apenas para assuntos relacionados a moda, colocando-se à frente de temas delicados e polêmicos, questionando algumas regras da Igreja

Católica em uma entrevista, na qual defendeu o uso de preservativos e o aborto. Ela, que também usa sua fama e imagem para defender causas sociais e ambientais, em 2009, passou a ser Embaixadora da Boa Vontade das Nações Unidas para questões relacionadas ao Meio Ambiente.

Sua chegada aos holofotes foi um marco no cronograma da moda. A revista Vogue referiu-se ao seu trabalho como o “retorno da modelo sexy”. Com um aspecto saudável, curvilíneo e bronzeado, Gisele quebrou a tendência até então existente de que as modelos precisavam ser muito magras. Considerada por muitos como uma “übermodel”, aos 35 anos, Bündchen já estrelou campanhas para grifes como Chanel, Louis Vuitton, Dior e Dolce & Gabbana; foi angel da Victoria’s Secret, participou de filmes ao lado de astros consagrados como Meryl Streep e Queen Latifah, lançou livro e uma coleção de lingerie; namorou astros de Hollywood e casou com o jogador de futebol americano, Tom Brady, com quem tem um casal de filhos.

Nessa nova fase, Gisele, que já atua no combate à Aids e na preservação da Floresta Amazônica, pretende intensificar sua atuação para salvar o planeta. ♦

A modelo que conquistou o mundo fashion, também usa sua imagem para defender causas sociais e ambientais

Brasileira cria sensor que descobre câncer antes dos sintomas e sem biópsia. A técnica pode ser utilizada em exames de rotina

DIAGNÓSTICO ANTECIPADO

DA REDAÇÃO

Priscila Monteiro Kosaka, cientista brasileira, doutora em Química e integrante, há seis anos, do Instituto de Microeletrônica de Madri, desenvolveu um sensor ultrassensível que identifica o câncer antes mesmo do aparecimento dos sintomas. A técnica chamada de bioreconhecimento consiste na utilização de um nanosensor com sensibilidade dez milhões de vezes maior que os métodos tradicionais em exames de sangue. O novo método também poderá ser utilizado no diagnóstico de hepatite e Alzheimer.

Segundo a pesquisadora, o sensor é inovador porque consegue detectar uma amostra muito pequena em meio a milhares de células, funcionando como um mini trampolim, com anticorpos na

superfície, que quando “captam” a presença do câncer na amostra de sangue reagem e se tornam mais pesados. O dispositivo faz com que haja uma mudança de cor das partículas, indicando a presença de um tumor maligno. A taxa de erro é de dois para cada dez mil casos.

Um dos benefícios do método desenvolvido pela brasileira é o fato de identificar o câncer por meio de exames de rotina, sem a necessidade de uma biópsia. A descoberta deve chegar ao mercado nos próximos dez anos, e segundo Kosava, o equipamento terá um custo acessível e assim poderá ser adotado amplamente pela população.

Dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA), revelam que o Brasil tem 576 mil casos de câncer por ano. ♦

BRASILEIRA VENCE OLIMPÍADA NUCLEAR

DA REDAÇÃO

Alice Cunha da Silva, aluna do último ano de Engenharia Nuclear da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, venceu a edição de 2015 da Olimpíada Nuclear Mundial em Viena, na Áustria. A brasileira conquistou o prêmio com uma dissertação sobre a produção de radioisótopos. O trabalho foi voltado às aplicações médicas da engenharia nuclear, ressaltando que a ciência nuclear também salva vidas.

Antes da conquista final, a carioca passou por várias etapas, incluindo a produção de um vídeo com o tema “Técnicas Nucleares para o Desenvolvimento Global”, a seleção do júri internacional, a busca para estar entre os cinco vídeos mais curtidos, e o envio da dissertação.

Alice que atualmente trabalha na unidade brasileira da Westinghouse, acompanha as discussões sobre o Programa Nuclear Brasileiro,

na expectativa de que o País tome as decisões necessárias para permitir a ampliação deste setor. Ela também espera que sua conquista sirva de incentivo ao governo para dar continuidade ao investimento em formação acadêmica e em capacitação voltada à indústria nuclear, que hoje ainda pode ser muito ampliada no Brasil.

A estudante desde o início da faculdade mostrou que podia contribuir com o segmento. Em 2013, com dois anos de curso na UFRJ, teve um trabalho selecionado para uma conferência de estudantes da área nuclear realizada no Massachusetts Institute of Technology (MIT), promovida pela American Nuclear Society (ANS). Além disso, estudou um ano no Departamento de Engenharia Nuclear da Pennsylvania State University, em 2014, por meio do programa Ciência sem Fronteiras, e ainda fez um estágio de verão na sede da Westinghouse, nos EUA. ♦

Única candidata mulher, também foi a que tirou a nota final mais alta e, por isso, levou o título de campeã da olimpíada

academiaunique.com.br
facebook.com/academia.unique

64111-1111



UNIQUE É COMO A SUA FAMÍLIA: NÃO PARA DE CRESCER

A maior rede de academias premium do Centro-Oeste não para de crescer. A Unique quer estar sempre presente na hora de cuidar da saúde e bem-estar das famílias brasileiras.

EM BREVE
NOV A UNIDADE
São Paulo

UNIDADES BRASÍLIA
Sudoeste
Asa Sul
ParkShopping
Em breve Lago Sul



UNIQUE
FAMILY FITNESS CLUB

PREMIADA EM HARVARD

DA REDAÇÃO

Georgia Gabriela Sampaio, natural de Feira de Santana, na Bahia, filha de uma cabeleireira e de um comerciante do ramo de materiais de construção, foi premiada em um dos programas de ideias inovadoras da Universidade de Harvard.

A estudante, de 19 anos, pretende criar um diagnóstico mais rápido e barato para a endometriose. Doença que atinge cerca de 9 milhões de brasileiras e 180 milhões de mulheres no mundo.

O interesse pelo tema teve início em 2012, quando sua tia materna teve que retirar o útero, após descobrir que apresentava um estágio avançado da endometriose. A doença acontece quando células do endométrio, tecido que reveste o útero, migram para outros órgãos, oferecendo risco para a saúde.

Durante suas pesquisas, percebeu que a doença é menos identificada em pessoas menor poder aquisitivo. Assim, descobriu que além do exame de sangue, marcadores menos invasivos como o teste de urina ou da saliva também podem indicar a doença, ela pensou em um diagnóstico mais popular para mulheres que não podem pagar pelo exame de imagem. Segundo ela, os exames laboratoriais procuram modificações biológicas ao invés de modificações visuais.

A partir daí, Georgia, em 2014, entrou em contato com o Village To Raise a Child, programa de alunos e ex-alunos de Harvard que tem como objetivo colocar em prática projetos que impactem de forma positiva a sociedade. Hoje, além de dar prosseguimento ao projeto, Georgia estuda medicina na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. ♦

Baiana é reconhecida pelo diagnóstico rápido da endometriose



PRECONCEITO NA MAGISTRATURA

Ministra do Supremo reconhece a difícil escalada da mulher no Judiciário como uma doença a ser tratada pela sociedade

DA REDAÇÃO

A ministra Cármen Lúcia, vice-presidente do Supremo Tribunal Federal, durante sua participação no 2º Seminário Internacional Violência de Gênero e Feminicídio, no Rio de Janeiro, destacou o preconceito contra a mulher na magistratura. Para ela, ainda existe uma carga de preconceito contra as mulheres. Mas, pondera, “isso não significa que não haja justiça nos casos julgados”. “A maioria hoje de tribunais, prossegue, inclusive os superiores e, principalmente, os estaduais, é composta de homens. Enfim, nós vivemos em uma so-

cidade em que luta pela igualdade entre homens e mulheres deva ser permanente. Aliás, isso é em todos os meios, e não é só no Poder Judiciário. E digo também no Poder Judiciário, por se tratar de um órgão que é responsável por acabar com essa discriminação”, ressalta.

Segundo a vice-presidente do STF, que, recentemente, incitou a população a ter a “ousadia dos canalhas” para “reivindicar, e não apenas “reclamar”, é preciso dar visibilidade ao problema do preconceito. “O que é escondido e não vem a público, é como se fosse uma doença, e fica difícil de ser

curada”. Nesse sentido, a ministra lembrou que em 8 de março, no Dia Internacional da Mulher, o papa Francisco fez um pronunciamento, reconhecendo que para as mulheres foi reservado, historicamente, as sobras ideológicas. “Ou seja, quem dita as ideologias e, portanto, as práticas são os homens. Isso dito por um papa numa igreja em que não se admite a presença da mulher e o celibato é obrigatório, é um avanço grande para dar visibilidade”, analisa.

A ministra também é coordenadora nacional da campanha Justiça pela Paz em Casa, que propõe uma articulação entre o Judiciário e as universidades para trabalhar o tema, em um movimento para reverter o quadro de violência doméstica. “Viver em paz é um direito. No entanto, vivemos em uma sociedade onde muitas mulheres vão dormir com medo do próprio marido. Onde, até pouco tempo atrás, agredir e matar a mulher era mais que aceitável, era questão de honra”, reflete.

Segundo Cármen Lúcia, o ob-

jetivo da iniciativa é incentivar a luta pela igualdade e pela paz nos lares brasileiros. “Os Tribunais podem aplicar a lei, mas mudar essa realidade depende de algo maior, da parceria com instituições que têm em sua essência essa função social, como a universidade”, observa.

A campanha Justiça pela Paz em Casa realiza, em todo o País, juris e debates a respeito da violência doméstica contra a mulher, agilizando a resolução de processos criminais e cíveis que tramitam nas Justiças estaduais, nos quais a mulher seja vítima ou parte interessada. Além da parceria com as instituições de ensino de todo o país, a campanha realiza debates a respeito da violência doméstica, “Nossos esforços estão concentrados. Os processos que poderiam durar 10 anos estão sendo resolvidos de imediato. Não podemos simplesmente fechar os olhos para um problema social, que tem aumentado mesmo após nove anos da criação da Lei Maria da Penha”, conclui. ♦

A woman with dark hair is shown from the chest up, smiling slightly. Her right hand is raised in the foreground, palm facing the viewer, with fingers spread. The background is dark and out of focus.

Apesar dos avanços com a Lei Maria da Penha, o Brasil contabiliza 4,4 assassinatos a cada 100 mil mulheres. Os crimes ocorrem em suas próprias casas e são cometidos por seus parceiros. Número que coloca o país no 7º lugar no ranking de países nesse tipo de crime

SAGA DE UMA REFUGIADA

DA REDAÇÃO

Maissa, uma entre os milhares de refugiados sírios que arriscam a vida na travessia marítima rumo a uma vida nova na Europa, pertence à minoria cristã, perseguida por extremistas. Em junho, partiu de Damasco, na Síria, andou horas a pé, dormiu em floresta, percorreu quilômetros de carro e atravessou o Egeu de barco até conseguir entrar num avião com uma identidade europeia falsa.

Na Turquia, conta que pagou 2.100 euros para chegar a Rodes, no mar Egeu. Depois de um dos barcos bater nas pedras e outro afundar, ela chegou em uma terceira embarcação superlotada à ilha grega. Havia 30 mulheres e crianças na cabine escura e fecha-

da. “Não podíamos abrir as duas pequenas janelas, pois a água entra”, recorda.

De Rodes, foi a Mikonos e deixou a Grécia, com a ajuda da prima que mora na Suíça. Lama foi à Grécia ajudar Maissa, levando dinheiro para negociar com traficantes. No caminho, conseguiram com sobreviventes os telefones de quem vende passaporte falso e dos que oferecem a travessia.

Hoje, em segurança no norte da Alemanha, a refugiada da guerra civil, que deixou para trás o marido e três filhos pequenos, não se arrepende da decisão e está decidida a trazer a família à Europa. “Tomei a decisão certa. O Estado Islâmico está a 50 km de Bassir, vilarejo onde vivia. Em dois anos, acho que não sobrarão um cristão na Síria.” ♦

Da Síria para Alemanha lembra as agruras porque passou nessa travessia arriscada

▼ Maissa à beira de um lago na cidade de Wismar, no norte da Alemanha



PAGANDO A DÍVIDA ALHEIA

LYA LUFT

De repente estamos todos endividados e inadimplentes — ao menos a maioria de nós brasileiros comuns, sem mansões, nem iates, nem casas em Miami. Estamos assim porque fomos conclamados, tempos atrás, a consumir. Lembram? Eu não esqueci, e não consumi porque estava mais alerta e menos confiante: "Comprem seu carro! Troquem a geladeira! Comprem TV plana! Não deixem de fazer nada disso; as elites brancas não querem que vocês tenham nada". E saíram os brasileiros confiantes e crédulos a consumir — como se consumo, e não investimento de parte do governo, fosse crescimento. Realmente tivemos por um breve período uma sensação nova de confiança e bem-estar. Disseram (e acreditamos) que a miséria tinha sido liquidada no país; e éramos todos da classe média: quem ganhava mais do que 350 reais era da classe média.

Nós nos sentíamos modernos e potentes. Crédito abundante. Prazos e juros generosos, mas isso não importava. E, agora, a surpresa: as dívidas. Passamos a endividados e inadimplentes porque obedecemos a quem nos conclamava a gastar, e possivelmente seremos desempregados porque essa ameaça se torna cotidiana.

O Estado que gastou mais do que podia e devia, com gestão equivocada, em empreendimentos luxuosos logo abandonados por falta de planejamento, agora nos convida a pagar também suas dívidas, — que não são nossas. Há poucos dias fomos avisados: a caixa está vazia, o dinheiro do governo acabou, entrou no ralo da imprudência. Suspendem-se bolsas de estudo, investimentos em saúde e infraestrutura, e abre-se a dura realidade: projetos, comissões, estudos, palavrórios, mas não sabem o que fazer com o Brasil. Para consertar o que parece inconsertável, corta-se na carne... sobretudo na nossa. Cortam-se benefícios como tempo de trabalho para ter

seguro-desemprego, dificultam-se condições para obter aposentadoria, reduzem-se pensões, e aumenta a angústia do povo. Cresce a inflação, sobe o desemprego, combinação fatal. Operários, funcionários, empregados domésticos, gerentes de lojas e de empresas, de repente às voltas com falta de trabalho e excesso de dívidas. O Estado então pede nossa paciência e compreensão. Mas os brasileiros, sem a mínima segurança, morrendo mais do que em guerras, por toda parte sem escola, nem posto de saúde, nem condições de higiene, esmagados em ônibus velhos e estragados ou descendo do metrô, com problemas para caminhar nos trilhos, não podem ter compreensão; a doença, a inanição, o abandono, a ignorância, não podem esperar; a falta de esperança não pode esperar. Mulheres parindo no chão dos hospitais, doentes terminais sem remédio para suas dores, médicos desesperados porque não há nem aspirina nem água limpa para oferecer, não podem ter paciência. Os estudantes que dependem do Fies, os bolsistas no exterior, por exemplo, não podem esperar. A explicação fornecida para a crise é de romance: a Europa e os Estados Unidos são os responsáveis, e São Pedro, que faz chover demais numa região e pouco em outra. ♦

Vestido e acessórios: Neimar Sincio | Foto: Bruno Araújo



CLOVES NUNES



CABELO
&
MAQUIAGEM

SHIS QL 02 CONJUNTO 01
CASA 01 LAGO SUL - DF

+55 61

3248-0908 | 3365-4472

VOAR, GESTO DE MULHER

HELENE CIXOUS

Voar é gesto de mulher, voar na língua, fazê-la voar. Todos nós aprendemos a arte do voo nas suas diversas técnicas; há séculos que não temos acesso ao ter senão voando. Há séculos, que vivemos num voo, voando, ao encontro das passagens estreitas, subtraídas, trespassadas. Não é um acaso se voar, se jogar entre dois voos, no gozo de um e outro, desordenando os sinais do sentido. Não, não é acaso: a mulher liga-se ao pássaro: ilhas passam, ilhas desfilam, ilhas tentando barrar a ordem do espaço, desorientá-la, mudar os lugares dos móveis, das coisas, dos valores, provocar rupturas, esvaziar as estruturas, perverter a ordem.

Qual a mulher que nunca voou? Que nunca sentiu, sonhou, completou o gesto que trava a sociabilidade? Quem não derrubou, provocou a irrisão da barra de separação, inscrevendo com o seu corpo o diferencial, perfurando o sistema dos pares e das oposições, derrubando, numa transgressão, o sucessivo, o encantado, o

muro da circunfusão?

Um texto feminino tem de ser subversivo, vulcânico, a velha crosta imobilizada. Em contínua mudança. É indispensável que esse texto se escreva porque é a invenção de uma escrita nova, rebelde que, no momento chegado da libertação, lhe permitirá efetuar as rupturas e as transformações indispensáveis na sua história, primeiro a dois níveis inseparáveis:

- Individualmente: escrevendo-se, a mulher retomará ao seu corpo, o corpo que lhe confiscaram sempre, o corpo do qual fizeram um inquietante estranho no espaço, na doença ou na morte e que tantas vezes é mau companheiro, causa e lugar de inibições: - Ao censurar o corpo, como tem feito à mulher, censurar-se-lhe na mesma interdição, a respiração, a palavra.

-... Escreve-te: é preciso que o teu corpo se faça ouvir. Soltemos então as imensas potencialidades do inconsciente. Enfim, deixemos expandir-se o inesgotável imaginário feminino. A nossa náfta vai espalhar pelo mundo, sem dólares, ouro ou petróleo, os valores cotados que transformarão as regras do velho jogo. ♦

A AMADA DE CRISTO

A história de uma mulher, líder do cristianismo que causou ciúme dentre os apóstolos, de modo a minimizar sua influência, colocando-a como prostituta arrependida

ELANILZA CARNEIRO

O frei Jaci de Freitas Faria, da Ordem Franciscana de Belo Horizonte, alerta que, para compreender Maria Madalena como mulher líder,

deve-se fazer uma viagem às origens do cristianismo e mergulhar na literatura apócrifa, onde são encontradas passagens que mostram uma apóstola, seguidora e amada de Jesus. Uma mulher inteligente

que despertava ciúmes em alguns discípulos. O evangelho de Filipe afirma: "O Senhor amava Maria Madalena mais que a todos os discípulos e a beijava, frequentemente, na boca". O amor entre Jesus e Maria Madalena é notório entre os apóstolos. No evangelho de Maria Madalena, Pedro diz a ela: "irmã, nós sabemos que o Mestre te amou diferentemente das outras mulheres".

As conclusões estão presentes no evangelho apócrifo, entre outros escritos, descobertos em 1945, em Nag Hammadi, no Egito. Apócrifo é um substantivo grego que designa os escritos que não eram usados oficialmente, constantes na liturgia das primeiras comunidades cristãs. Textos de origem desconhecida, não inspirados e, por isso, não canônicos. O frei Jacir de Freitas Faria realizou estudos dos textos apócrifos e acredita serem preciosos; daí terem sido mantidos em segredo.

Além disso, ele mostra como os apócrifos complementam os textos canônicos. Em muitos, as mulheres atuam como lideranças marcantes entre os primeiros cristãos. Maria Madalena recebia os ensinamentos do Mestre e tinha autoridade para repassá-los aos discípulos. Jesus e Maria Madalena eram dois espíritos unidos pelo amor ao Reino de Deus e pela paixão. "Ela nunca foi prostituta, seu grande pecado foi saber demais, sendo mulher". complementa.

A literatura canônica, a que se tornou oficial na Bíblia, não mostra e ainda desvaloriza a presença

e a importância das mulheres. "O que se fez foi criar dois arquétipos de mulheres: Maria, mãe de Jesus, como a mulher pura, virgem, livre de todos os pecados, e Maria Madalena, a impura, a mulher pecadora. As duas serviram de modelo", afirma frei Jacir. No início do cristianismo, existia uma disputa muito grande pela liderança e pelo poder. Havia os grupos de Pedro, de Paulo, de Tiago, e também, o de Maria Madalena. Pedro, nos textos, tem ciúmes de Maria Madalena. "A liderança de Maria Madalena foi abafada", afirma o frei. Ela, proclamada, em 1050, como padroeira de uma abadia de monjas beneditinas, passou a ideia de ter se tornado uma mulher que se arrependeu e tornou-se eremita. Celebrada pela Igreja Católica no dia 22 de julho, é tida como a padroeira das prostitutas, vindo a inspirar muitos pintores, que sempre a retrataram como mulher pecadora, penitente, bela e formosa. Após, velha e solitária, que ampara Maria, a mãe de Jesus.

No entanto, é ela quem anuncia o ressuscitado, tendo sido a discípula que acompanhou Jesus em sua agonia. De acordo com o frei Jacir, Madalena foi tratada, no decorrer da história cristã, como mito da pecadora redimida. De prostituta que virou santa para morar no imaginário coletivo como mulher forte e exemplo de arrependimento para a vida cristã. "Infelizmente, esse foi um bem, que para se firmar, teve que fazer uso de inverdades, como a história de Maria Madalena, foi repassada", declara. ♦

“Maria Madalena não era prostituta”

►Capa do livro
Papisa Joana, de
Donna W. Cross

A PAPISA RENEGADA

DA REDAÇÃO

Joanna foi criada de uma maneira muito diferente das mulheres de seu tempo. Incentivada pelo pai, dedicou-se às atividades intelectuais por 12 anos. Era tão culta quanto os mais distintos homens da região. Ainda jovem, para viver um grande amor, vestiu-se de homem e ofereceu-se como noviço a fim de poder estar

junto ao seu amante, um frade.

Em seguida, os dois saíram pelo mundo levados pelo mesmo objetivo: amor pelo conhecimento. Assim estudaram várias línguas e os costumes dos mais diversos povos. Viveram na Inglaterra, França e diversos países para, finalmente, aportar na Grécia, o berço do saber antigo, onde o companheiro vem a falecer.

Ela se fez passar por homem para estudar e conhecer o mundo. Foi escolhida para suceder o papa Leão IV com o nome de João Ânglico

Decidida, trocou Atenas por Roma, sempre disfarçada de homem. Aos 20 anos, foi eleita por padres, frades e doutores como "gênio do século", período em que o papa Leão IV morre e, subseqüentemente, é escolhida por unanimidade para sucedê-lo, já com o nome de João Ânglico, no ano de 850.

Durante dois anos cumpriu as tarefas de forma ilustre, mas sua natureza falou mais alto: ela era mulher e já tinha experimentado as delícias do amor e da sexualidade. O disfarce, o cargo e os poderes de homem eram de certa forma sua solidão. Acabou se apaixonando mais uma vez e revelou o segredo ao amante, com quem manteve uma relação clandestina. Porém, Joanna ficou grávida. Ao longo dos nove meses, conseguiu disfarçar sua condição, já que usava longas e largas vestes. Contudo, inevitavelmente, teve o segredo desvendado. Era época das preces, celebrava-se a festa anual Ambarrullia, com uma procissão a cavalo, a qual o papa deveria acompanhar. Joanna sentiu as dores do parto em plena procissão, caiu do cavalo, rasgou as roupas e se expôs à execração pública. A papisa deu à luz, rodeada pelo alto clero que a condenou a penas eternas e não permitiu que lhe dessem socorro. Assim ela viu o filho ser estrangulado.

Joanna morreu amaldiçoada, mas o povo de Roma insistiu em enterrá-la junto ao filho em uma

sepultura feita onde dera à luz, em vez da Basílica, como era de seu direito, enquanto papisa. No local, foi erguida uma capela com uma estátua de mármore representando a papisa em trajes sacerdotais, com tiara na cabeça e uma criança nos braços. Porém, o clero não a perdoou. Mais tarde, o papa Bonifácio III mandou destruir a estátua que maculava a reputação da Igreja.

Quando os jesuítas declararam guerra contra o protestantismo, João Huss, Lutero e Calvino foram acusados de terem inventado a fábula da papisa, embora esteja documentada a veracidade da sua existência, tanto pela escultura do busto de uma papisa, quanto da restauração da Catedral de Siena, no século XV, como na cerimônia de ordenação dos papas, o que já motivou um filme e livro sobre sua vida, cuja capa ilustra a matéria. ♦

“Joanna morreu amaldiçoada, mas o povo de Roma insistiu em enterrá-la junto ao filho em uma sepultura feita onde dera à luz”

▼ Gravura da idade média, retratando o trágico fim da papisa





A MULHER NAS CONQUISTAS MARÍTIMAS

DA REDAÇÃO

Vasco da Gama, o descobridor do caminho para a Índia, não aceitava a presença de mulheres dentro de suas naus, em que elas, muitas vezes viajavam disfarçadas de homens. Entendia ser uma inconveniência a proximidade destas com os lobos dos mares. Elas, que eram muitas vezes chamadas de bruxas, feiticeiras, faziam tremer de medo alguns homens, supersticiosos ou ignorantes. Certa vez, ao descobrir três delas em sua embarcação, o célebre navegador português, as

deixou numa ilha deserta, abandonadas à mercê do desconhecido.. Anos após, com peso na consciência, a beira da morte, lembrou-se destas em seu testamento, o que não diminuiu, o fato de terem sido relegadas ao próprio destino...

Assim determinou: "Entendendo quão abominável causa é embarcarem os homens consigo mulheres nas naus (...) mandou apregoar que toda mulher que fosse achada, em qualquer nau de barra para fora, seria na Índia acoitada publicamente, ainda que fosse casada", relata o cronista Francisco de Andrade.

"Figuras de penumbra, sombras por trás de um biombo de um desenvolvimento (...). Sentimos-lhe por vezes a personalidade, mas nunca lhe vemos o rosto. Apenas sabemos que estiveram lá..."

Para o historiador Charles Bozer, para termos uma ideia da proporção entre homens e mulheres que viajavam a bordo, em um navio para a Índia que transportava 800 homens, iam 10 a 15 mulheres destemidas. Perigo na embarcação, perigo fora dela, muitas histórias de superação que ficaram ocultas em uma história escrita por homens.

Sua presença não foi retratada com fidelidade na história das expansões portuguesas, mas elas se fizeram muito mais do que sombra, marcaram os fatos, superando mitos das navegações portuguesas.

Foram mulheres que ultrapassaram fronteiras inserindo-se nas caravelas, nas terras e na saga portuguesa. A mulher como força, união e integração. Fatores diversos que a levaram para dentro das naus, dos planos e das descobertas, ao lado dos homens lutadores, elas intrépidas navegadoras dos sete mares.

No Rastro de Cabral

Após 30 anos sem povoamento, Brasil receberia as Órfãs do Rei. Na época dos descobrimentos morreram muitos pais de família. Suas filhas, órfãs, ficaram numa situação preocupante. Considerando que não havia mulheres brancas para povoar as terras descobertas, D. João III uniu a necessidade de formar famílias no Brasil com a de ajudar essas moças a encontrar um marido. Enviou assim 13 órfãs engaioladas nos porões dos navios, para trazer à terra tupiniquim a ascendência e povoamento do sangue lusitano. Seguidas por estas, algumas degredadas, que pelo Santo Ofício tinham sido condena-

das. Mulheres que após o sumiço dos maridos e com a constatação de suas mortes, tornaram a se casar. Com o retorno destes, eram condenadas pelo crime do segundo casamento e enviadas, como castigo, ao Brasil.

Mulheres que em terra e em mar superaram desafios, obstáculos, preconceitos e se fizeram presentes na expansão pelos mares e terras lusitanas, formada não apenas por bravos homens, mas por reais e fortes mulheres. Nesse percurso, governadoras e outras sem ascendência nobre, somaram para o desenvolvimento da economia, da sociedade e das famílias da terra brasileira e fizeram da colônia portuguesa uma próspera terra, a exemplo de Brites e Albuquerque e Ana Pimentel. Protagonistas da história das Capitânicas de Pernambuco e São Vicente subsequentemente, as únicas que prosperaram dentro do sistema hereditário.

Para Bozer, “As mulheres são uma bitola indispensável da qualidade e ritmo do progresso social geral bem como da categoria, prosperidade e ascendência de qualquer homem”. Na expansão portuguesa, tornaram-se forte elo entre os homens e progresso do país. “As descobertas portuguesas não foram obra de um punhado de homens, foram obra de um povo. E que isso, daqui para frente, se escreva, se diga, se divulgue, se ensine... E enfim, se cante”. O desabafo consta no livro “O Rosto Feminino na Expansão Portuguesa”, parte do obscurecimento do rosto feminino que as deixa fora da história, exaltando o papel masculino na época do desenvolvimento.◆

“As descobertas portuguesas não foram obra de um punhado de homens, foram obra de um povo”



O GRITO DAS MULHERES

DA REDAÇÃO

O movimento insurrecional de 8 de abril de 1789 ficou conhecido como o “Réveillon da Revolução”. Precedeu a Tomada da Bastilha, celebrada em 14 de julho do mesmo ano. O estopim, no entanto, desse acontecimento foi originado pelo aumento do preço do pão, tendo como líder Marie Jeanne Trumeau que, condenada à forca na Place de Grève, foi salva da pena de morte por estar grávida.

Nessa sequência, foram as mulheres do povo, peixeiras, prostitutas, maltrapilhas e famintas, as responsáveis pela Revolução Francesa. Segundo o historiador Tonie, o grande contingente revolucionário era composto por mulheres miseráveis, cujo o aumento do pão representava 40 a 80% do salário que

recebiam, inferior aos dos homens.

Assim, seis mil mulheres, subalternizadas ante uma classe aristocrática que ignorava seus males, sitiaram Versailles, obrigando o casal Luiz XVI e Maria Antonieta a retornar à Paris, quando ambos passam a residir no Palácio Tulherias, prisioneiros e sob a vigilância das mulheres. Não imaginavam estas que estavam vivenciando um período transformador, cujos ideais de *liberté, égalité et fraternité*, ainda não contidos nos Direitos Fundamentais do Homem, mas já existente no inconsciente de cada uma, iria a posteriori, soprar de maneira tão forte também no Brasil.

Uma revolução que se valeu da revolta das mulheres, que “foram intimadas a retornar aos lares por ser contra a natureza da mulher querer tornar-se homem” - como argumentava Pierre Chaumette - elas serem destinadas às tarefas piedosas. ♦

Foram elas, mulheres do povo que desencadearam a Revolução Francesa, abrindo para os ideais de *liberté, égalité et fraternité*, cujos ventos sopraram forte no Brasil

◀ Quadro de Eugène Delacroix - La liberté guidant le peuple

▼ Marcha das mulheres a Versailles - 1789



A COMPANHEIRA DE TIRADENTES

DA REDAÇÃO

Eugênia Joaquina da Silva foi a grande paixão de Tiradentes, com quem teve dois filhos, João Beltrão e Joaquina, embora ambos sem paternidade reconhecida. Eugênia, como Tiradentes, era uma mulher simples. Vivia da renda dos doces que fazia. Com a morte de seu companheiro, sua vida destruiu-se.

Tiradentes, juntamente com seus descendentes foi considerado infame pela coroa. Enforcado, seu corpo foi esquartejado e suas partes espalhadas por todos os caminhos de Vila Rica. Sua casa saqueada e parte das residências do povoado foram fechadas para sua companheira. A sociedade conservadora, que já a discriminava por ser mãe solteira, tornou-se cruel.

Nesse cenário desolador, é obri-

gada a doar seus filhos, com nomes que não viessem a indicar suas origens. A respeito, a história assinala que o próprio Tiradentes, ainda na prisão, solicitou a Plácido, irmão do Padre Rolim, um dos conjurados, que entregasse seus descendentes a um orfanato, declinando a origem dos mesmos. Assim, Eugênia foi mãe enquanto pôde. Padeceu por não dispor do sustento dos filhos e por negá-los em vida. No entanto, sobreviveu a tudo. Dados do Arquivo Nacional, registram que ela faleceu aos 104 anos, a tempo de assistir à Independência do Brasil, concretização do sonho de seu amado. Ela não foi a mulher oficial de Tiradentes, mas com certeza foi aquela para quem ele confessou suas angústias, ante o assalto praticado pelo governo português às riquezas do Brasil. ♦

Uma mulher simples tem sua vida destruída na Inconfidência Mineira a ponto de dar seus filhos em adoção



A HEROÍNA DA INCONFIDÊNCIA

DA REDAÇÃO

Hipólita Teixeira de Melo foi a verdadeira líder ativa na conspiração. Foi a heroína real do levante das Gerais. Mas, devido à tradição machista, pouco se fala da atuação dela. Nascida em Prados, em 15 de setembro de 1748, casou-se com o coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, colega de Tiradentes no regimento dos Dragões de Minas. Tinha personalidade própria. Promovia reuniões secretas na fazenda da Ponta do Morro em Vila Rica, hoje Ouro Preto.

Mulher culta, mais instruída que seu marido, foi uma das vozes mais enérgicas do grupo. É de sua autoria a célebre carta que denunciou Joaquim Silvério dos Reis como traidor de seus companheiros de revolução. Foi autora de diversos avisos sigilosos, dando conta de que Tiradentes fora preso no Rio de Janeiro. Escreveu e enviou ao Padre Toledo, por meio de seu compadre Vitoriano Gonçalves Veloso, o seguinte bi-

lhete: “Dou-vos parte, com certeza, de que se acham presos, no Rio de Janeiro, o alferes Tiradentes, para que vos sirva ou se ponham em cautela; e quem não é capaz para as coisas não se meta nelas; e mais vale morrer com honra que viver com desonra”. Quando percebeu que o movimento fracassava, tentou alertar o coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, aconselhando-o a “montar uma reação, a partir lá do Serro”, sua fazenda.

Hipólita pagou caro pelo seu envolvimento com o movimento revolucionário. Durante a Devassa, teve sequestrados todos os seus bens. O marido foi preso e sentenciado ao degredo perpétuo, no continente africano. Faleceu em 27 de abril de 1828, vitimada por icterícia, e foi sepultada em Prados. Num resgate póstumo, em 21 de abril de 1999, foi condecorada pelo governo de Minas Gerais com a Medalha da Inconfidência. Mas, apesar de tudo o que fez seu nome não figura no Panteão dos Heróis da Pátria. ♦

“Mais vale morrer com honra do que viver com desonra”, pregou a grande política dos conjurados

RETROSPECTIVA

FOTOS REPRODUÇÃO



MAIO DE 1968

Em Paris, com o slogan: “Corra que o velho mundo está atrás de você”, tentamos mudar o mundo

*MARIA LÚCIA PIZZOLANTE

Paris, marchando de boina vermelha e bandeira preta do anarquismo a empunhar, lá ia eu, nos meus 20 anos, nos protestos realizados no Quartier Latin rumo ao amanhã. Como estudante, mesmo sabendo que os estrangeiros participantes das manifestações estavam sendo expulsos da França, não me importava, a causa era maior. Éramos todos muito jovens, insubordinados, insensatos e idealistas.

Foi uma rebelião sem bombas, pela mudança de mentalidade que se pregava: “Corra que o velho mundo está atrás de você”. Uma revolução na qual o líder estudantil Daniel Cohn-Bendit, conhecido como Dany le Rouge, mais tarde, como deputado na União Europeia, Dany le Vert, suscitou simplesmente o direito dos estudantes dormirem nas instalações de suas namoradas, cuja insatisfação foi uma vertente que eclodiu em diversas áreas. Era uma questão de gênero que florescia diante dos olhos do mundo. Momento que se gritava a liberdade sexual face ao advento da pílula, quando as feministas rasgavam sutiãs e rejeitavam os valores patriarcais. “Peça o impossível e obterás” era também o slogan a invadir o Rive Gauche e a finalizar les jours de gloire de Gaulle.

PELO MUNDO

E os ventos da rebeldia sopraram mundo a fora. O enfrentamento da juventude Francesa fez escola. Época em que os Beatles cantavam Revolution, música cuja letra dizia: “Quando você fala sobre destruição, não conte comigo.”

Ano Mítico de transformações que marcou o fim da



▲ Maria Lúcia Pizzolante em época dos protestos de Paris

Guerra do Vietnã e o assassinato de Martin Luther King que legou para história sua célebre frase “Eu tenho um sonho”. Ano que o comunismo começou a ruir com a Primavera de praga, ponto de partida para a queda do Muro de Berlim e véspera da Revolução dos Cravos, em que o salazarismo já agonizava.

NO BRASIL

Por aqui, 1968 foi o ano de chumbo, cujo estopim foi o assassinato do estudante Edson Luiz no restaurante Calabouço. A data que marcou a famigerada promulgação do Ato Institucional 5 (AI). Este também foi o momento dos festivais da canção, quando Geraldo Vandré cantava “Para não dizer que não falei das Flores” e Caetano e os Mutantes deixavam o recado em “É proibido Proibir”.

Hoje, passados 47 anos, fica a nostalgia de um sonho que comandou tantas revoluções. ♦



REVOLUÇÃO DOS CRAVOS: SEMPRE!

MARIA LÚCIA PIZZOLANTE

Foi um grito reprimido de apoio aos Capitães de Abril, de muitas, as Capitãs de Abril, como define a jornalista Ana Sofia Fonseca em seu livro assim intitulado. Até então, as mulheres, não tinham o direito ao voto irrestrito, não podiam trabalhar e viajar sem consentimento do marido. Todos temiam a figura opressora de Antônio Salazar e a temida Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Cabia à mulher ser componente da mãe natureza, como reprodutora, devota da pátria e da igreja católica. Ao homem, era dado o espaço da cultura e das conquistas, desde

que não representassem perigo ao Estado tutelador.

Nos anos 1960, quando o feminismo floresceu no mundo, em Portugal, ele também se fez presente. Chegou pelas vozes de ativistas como Leonor Bezeza, Etelvina Lopes de Almeida, Nathalia Correa, Helena Roseta, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, com o famoso livro *Cartas Portuguesas*. A mulher passava a crescer no trabalho externo mais motivada pela emigração masculina do que por seu exercício de cidadania.

A Revolução dos Cravos, inesperada para muitos, surgiu comandada por militares insubordinados

Em 25 de abril de 1974, as portuguesas cortaram suas amarras, com um pensamento libertário, de luta e emancipação, falando a todas as Marias lusitanas de seus direitos igualitários

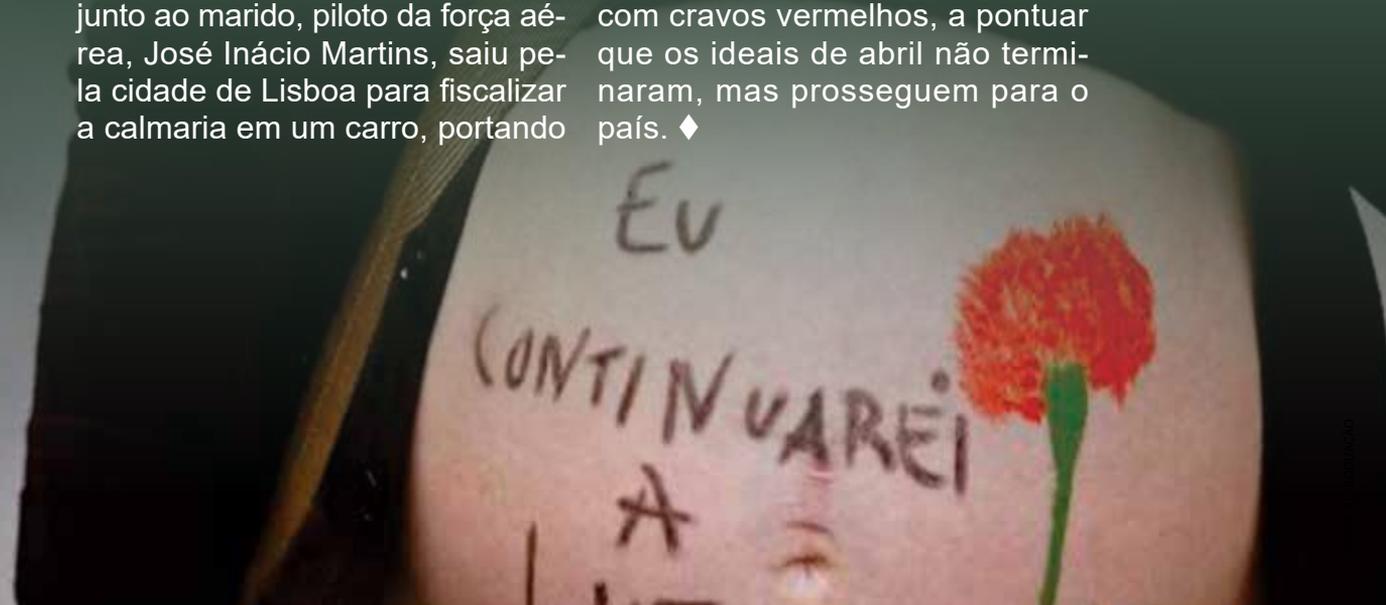
dentro das tropas e que foram responsáveis por um momento épico na história de Portugal. Uma revolução romântica, que eclodiu com “É depois do adeus”, canção premiada em um festival de música. Celeste Caeiro, a florista que ofereceu os cravos, conta que ao passar por um soldado e este pedir-lhe fogo para o cigarro, ofereceu-lhe flores. O soldado colocou um cravo no cano do canhão que portava, sendo seguido pelos demais.

Estava nas ruas de Lisboa a Revolução, que no mesmo dia se propagou para todo o país, unindo a nação. Cabe citar aqui as Capitãs de Abril. Mulheres como Dina de Carvalho, esposa do capitão Otel Saraiva de Carvalho, comandante da rebelião. Ela que ajudou o marido a preparar o plano de operações; Manuela Coucello, casada com Ernesto Ferreira Macedo, ideólogo do grupo. Ela datilografou o manifesto, intitulado, O Movimento, dirigido às Forças Armadas e à Nação; Aura Costa Martins, que junto ao marido, piloto da força aérea, José Inácio Martins, saiu pela cidade de Lisboa para fiscalizar a calma em um carro, portando

uma pistola-metralhadora e duas granadas; Maria Teresa Ferreira de Almeida, cujo pai, Eugênio Ferreira de Almeida, era chefe do Estado-Maior da Armada do governo, e o marido, Vitor Alves, um dos líderes da Revolução. Estas e outras dezenas de mulheres não vieram a constar nos anais da História, mas foram protagonistas de um momento imorredouro.

Portugal atravessou o túnel do tempo e as mulheres radicalizaram. Na Avenida da Liberdade, desceram entoando Grândola, Vila Morena, canção que virou hino da Revolução, rasgando véus e grinaldas, tirando os soutiens, como símbolo do término da repressão, de uma longa noite de terror.

Hoje, a data é comemorada nacionalmente, pelo que ela representou para as mulheres, em que se inclui as capitãs de Abril. De lá adveio uma moderna constituição, com um parlamento que assegura 30% das cadeiras ao sexo feminino. Nos festejos, a população, todos os anos, vai às ruas com cravos vermelhos, a pontuar que os ideais de abril não terminaram, mas prosseguem para o país. ♦



EU
CONTINUAREI
A
LUTA

FOTOGRAFIA: RICARDO MAI, CHAMILL, SUELEIP
FOTOGRAFIA: RICARDO MAI, CHAMILL, SUELEIP



FERNANDO PEIXOTO

ATELIER ALTA COSTURA

GOIÂNIA

RUA 139 N.264 SETOR MARISTA (62) 3942 1960

BRASÍLIA

SHIS QI 21 BLOCO E LOJA 40 LAGO SUL (61) 3365 4732

ATELIERFERNANDOPEIXOTO.COM.BR

A photograph of two women kissing in front of a building with a rainbow flag. The woman on the left is holding a champagne glass. The background shows a classical building with a flagpole flying the Portuguese flag.

TODA FORMA DE AMOR VALE A PENA

Enquanto portuguesas passam a vida inteira conforme as necessidades dos companheiros, conterrâneas mais modernas lutam pelo direito do casamento homossexual

JULIANA IORIO

No dia 17 de maio de 2010, em Lisboa, foi promulgada a lei de casamento homossexual, aprovada em fevereiro. A proposta de legalizar o casamento homossexual no país estava incluída no manifesto do Partido Socialista para a eleição geral de 2009, quando a frente obteve vitória nas votações e retornou ao governo.

Portugal, sexto país da Europa a permitir o casamento entre pessoas do mesmo sexo junto à

Holanda, Espanha, Suécia, Bélgica e Noruega, corrige um erro ao sancionar esta lei, pois remove a atual ideia de que casamento só é oficial quando entre duas pessoas de sexos distintos. A Espanha, também majoritariamente católica, já instituiu o casamento gay há quatro anos, sofrendo a mesma resistência de grupos religiosos e conservadores. Segundo o primeiro-ministro português José Sócrates, a medida “simplesmente encerra um sofrimento desnecessário”. Não se trata apenas de

uma modificação sutil na Lei, mas da contemplação mais consistente à ideia de sociedade democrática, na qual os direitos de todos os grupos impreterivelmente são assegurados de acordo com valores de liberdade e igualdade.

Até 1982, o homossexualismo era considerado crime em Portugal. Em 2001, a união civil entre pessoas do mesmo sexo passou a ser permitida, o que garantiu aos casais alguns direitos legais, fiscais e de propriedade. No entanto, foi em 2010 que se discutiu veemente como extinguir um resquício arcaico de conservantismo, em busca dos direitos destinados aos parceiros de angariar o nome do companheiro, tornar-se herdeiro, receber pensão em caso de morte e outros detalhes conferidos nos casamentos tradicionais.

Hoje em dia, o ambiente permite que mulheres vivam no passado de meio século atrás, conservando vínculos com seus falecidos, fiéis à instituição da família e da igreja, mas ainda resiste à visão de mulheres independentes que dispensam o pa-

triarcado e a união heterossexual para, sozinhas, exercerem suas vontades e atingirem seus objetivos profissionais ou em qualquer outra área.

A sociedade, apesar de caminhar paralela às conquistas desenvolvimentistas de comportamento e tolerância, ainda consegue se compadecer da mulher que se anula por um homem, mas não é totalmente capaz de respeitar a mulher que ama outra mulher e o homem que ama outro homem e que, juntos, alcançam o sucesso econômico e estão aptos para formar uma família, embora a adoção por esses casais continue vetada.

O contingente homossexual tem sido vítima de um apartheid social abertamente permitido e sem critérios, portanto, o que parece uma pequena mudança de lei é, na realidade, uma grande vitória dos direitos humanos, uma iniciativa corajosa do governo contra o sistema patriarcal, no qual as mulheres, principalmente, eram ensaiadas para honrar ao seu homem, até depois da morte. ♦



ORGASMO: DIREITO A SER REIVINDICADO

DA REDAÇÃO

A atividade sexual feminina é muito mais complexa que o prazer instintivo obtido pelo homem. Especialistas reconhecem, desde o célebre Relatório Hite, que 50% das mulheres têm dificuldade de chegar a este clímax prazeroso que faz bem à saúde. Os argumentos divergem quanto à falta de prioridade do homem em relação a sua parceira e quanto ao tabu ainda existente, em que muitas vezes a mulher se envergonha de demonstrar suas fantasias e zonas erógenas. O fato é que a pessoa que consegue chegar ao auge sexual tem melhorias significativas na qualidade de vida. Além disso, deixa a pele mais saudável, reduz o estresse, melhora o humor e aumenta a autoestima.

Orgasmo inibido

A especialista em sexologia, Dra.

Iracema Teixeira, explica que “a descoberta do sexo como fonte de prazer implica em ampliar a vivência erótica do contato corporal; saber que a pele é o principal órgão sexual extragenital”. Segundo seus estudos, quando se explora o desempenho erótico, aproxima-se automaticamente de uma fonte inesgotável de zonas erógenas.

Somente na década de 90, o corpo feminino com seus mecanismos de prazer foi estudado e compreendido realmente. Há poucos anos, a expressão de desejo sexual por parte da mulher era tida como doença e o orgasmo ganhava classificação de distúrbio patológico e pedia tratamentos clínicos. Com a revolução sexual, na década de 60, o pensamento tornou-se inverso. Desde então, o orgasmo passou a ser um direito a ser reivindicado, cuja ausência merece ser estudada como sintoma de disfunção sexual. ♦

Visto como um direito a ser reivindicado, muitas mulheres nunca chegam a esta realização por tabus ou pelo fato de seu prazer não ser prioritário para o parceiro

Para psicanalista, amor e sexo são coisas distintas, traição é natural, a bissexualidade é uma tendência e o casamento tradicional está com os dias contados

POLIAMOR

Regina Navarro Lins estudou o nascimento do amor romântico e concluiu que ele é fruto de uma elaboração social.

Para ela, ao longo dos séculos, homens e mulheres desempenham papéis em constante mutação. “O amor é uma construção social e se apresenta de formas diferentes. As pessoas precisam parar de idealizar o amor. Não tenha dúvida de que podemos escolher nossa forma de viver. Num futuro não muito distante, o sexo será mais livre. A bissexualidade é uma tendência”, diz.

Irreverente e transgressora, suas ideias sobre relacionamento são polêmicas. De acordo com a psicanalista, os tradicionais modelos de amor e sexo não corres-

pondem mais às expectativas do século XXI: “As pessoas são infelizes porque idealizam o amor, acreditam na exclusividade conjugal. Traição é uma palavra muito forte para definir o desejo por outra pessoa fora da relação. Trair é enganar um amigo, um irmão”. Regina acredita que na segunda metade do século XXI, as pessoas viverão o amor e o sexo bem melhor do que vivem hoje. Essa transformação começa à medida que o amor romântico, que entrou nos relacionamentos a partir do século XX, sai de cena: “Esse tipo de amor é calcado na construção idealizada do outro. As pessoas conhecem alguém, inventam uma pessoa que não existe, e depois passam a vida toda querendo mudá-la. Com o amor romântico, as pessoas não se relacionam com

a pessoa real, que está ao lado, e sim com a que se inventa de acordo com as próprias necessidades. No entanto, seria totalmente absurdo dizer que ninguém mais pode ser monogâmico, por exemplo. Se quiser ter três, quatro parceiros fixos, ou se relacionar com pessoas do mesmo sexo, tudo bem também, desde que seja uma escolha”.

Regina afirma ainda que a bissexualidade passa a ser uma tendência à medida que avança o fim do sistema patriarcal. “Desde que o sistema patriarcal se instalou, houve a separação do masculino e feminino. Nesse modelo, o homem não podia mostrar fraqueza, ser emotivo, sensível, tinha que ser forte, poderoso, corajoso. Já a mulher não podia ser forte, tinha que ser meiga, submissa. Isso fez com que ambos os sexos ficassem aprisionados nesses estereótipos por milênios. Mas, na verdade, somos todos, homens e mulheres, passivos e ativos, fortes e fracos, corajosos e medrosos. Assim, a escolha do amor vai estar baseada na pessoa, no ser humano, independente do sexo”, comenta.

O poliamor é outra tendência

apontada por Regina. Ela acredita que nas próximas décadas será natural amar e ser amado por várias pessoas. “Hoje, a grande viagem do ser humano é para dentro de si mesmo, na busca por novas descobertas. O amor romântico propõe o oposto dos anseios atuais. Com o fim da ideia de encontrar a outra metade, menos pessoas vão querer se fechar em uma relação a dois e mais vão optar por relações múltiplas. O que não significa o fim das relações a dois”, observa.

Quando o assunto é amor e sexo, não existem regras ou modelos ideais, mas é preciso reformular as expectativas a respeito da vida a dois. “A relação tem que ser desprovida de manifestações de possessividade, de ciúme. Não devemos exercer nenhum controle sobre a vida sexual do outro, até porque esse é um assunto que só diz respeito à própria pessoa. Em um relacionamento, você só tem que ter certeza de duas coisas: se sentir amada(o) e desejada(o). Para viver melhor uma relação, aconselho a jogarmos o moralismo no lixo. Uma decisão que exige muita coragem”, conclui. ♦

“Com o fim da ideia de encontrar a outra metade, menos pessoas vão querer se fechar em uma relação a dois e mais vão optar por relações múltiplas”

▼ Em outubro, último, o Brasil registrou a primeira união estável entre três mulheres



INSPIRAÇÃO MAIOR

Unidos pelo acaso, juntos pela eternidade: amor entre Pilar del Río e José Saramago transcende a realidade

KARLA LUCENA

María Pilar del Río Sánchez é a espanhola de posicionamento firme e racional que fez um dos maiores expoentes da literatura internacional, José Saramago, ter dito que a vida começou, para ele, a partir de uma tarde de verão do ano de 1986 – data do primeiro encontro – isto após o escritor já ter percorrido um pouco mais de seis décadas de vida. Períodos

longos, separados por vírgulas, pausa, respiração, construção de diálogos conferenciados por personagens que vivem a qualquer tempo, reflexos da vida real, pensamentos concretos, ideias imprecisas, sentimentos transcendentais, questionamentos transgressores, cegueira da fé, lucidez do viver, simplicidade.

Estas são algumas essências da obra do escritor José Saramago que encantaram essa mulher especial. “Não éramos novos, tí-

nhamos experiências de outros casamentos e uma vida profissional intensa”, fala Pilar com exclusividade à Revista *Persona Mulher*. “Eu tinha 36, e ele 63, mas nenhum de nós tinha realmente essas idades. Posso afirmar, éramos atemporais, não havia diferenças, duas pessoas com a mesma posição ideológica e deferência enorme pelo trabalho e, sobretudo, respeito pelos demais”.

O respeito, inclusive, é apontado por Pilar del Río como uma das mais nobres qualidades do romancista com quem se casou em 1988. Ela, espanhola, jornalista de formação, dedicou um momento de sua vida à religiosidade católica, tornando-se uma freira teresiana – ordem pregadora dos ensinamentos da santa espanhola, Santa Teresa de Ávila. Teria este aspecto gerado conflito com ele, ateu, marxista, comunista, socialista e revolucionário? “Quando entrei por completo na religião, descobri que havia algo além, algo mais, que é a solidariedade, sem esperar nada em troca. Não quero ser boa para ganhar o céu, quero ser boa na terra. Saramago tinha respeito por todos os religiosos e era solidário. As igrejas não aceitam a todos, são dogmáticas e impositivas, quando o dogmatismo é questionado eles condenam. Elas são medievais e Saramago era o mais moderno”.

Com Pilar del Río, Saramago compartilhou momentos marcantes em sua vida. A mudança, em

1993, de Lisboa para Lanzarote, nas Ilhas Canárias, foi um deles. Pela primeira vez o autor fincou raízes e construiu morada. A saída de Portugal deveu-se à perseguição política e religiosa enfrentada por ele devido ao teor de suas publicações. Contudo, a vida na pequena ilha vulcânica efervesceu-se de cultura, no que viria a receber posteriormente prêmio de Nobel de Literatura (1998). Nomes como Mário Soares e Fernando Tordo, foram marcantes em sua vida.

“A obra de Saramago dificilmente será esquecida, porque ele está nos contando não somente o que é o mundo (referência a Ensaio sobre a Cegueira), mas o que temos que fazer para que o mundo não seja assim. Explica-nos como manter a lucidez e usar a razão para que o poder econômico não nos domine. Nós, cidadãos, temos que colocar em prática a capacidade que temos, o nosso poder”. declara Pilar. ♦

“Eu tinha 36, e ele 63, mas nenhum de nós tinha realmente essas idades. Posso afirmar, éramos atemporais, não havia diferenças, duas pessoas com a mesma posição ideológica e deferência enorme pelo trabalho e, sobretudo, respeito pelos demais”





PELO FIM DA CIRCUNCISÃO

Embaixadora da causa afirma que os governos não fazem o suficiente para acabar com a mutilação genital feminina

DA REDAÇÃO

Waris Dirie, uma somaliana e ex-modelo internacionalmente famosa, foi vítima da circuncisão feminina aos cinco anos de idade. Por não querer largar a escola, aos 13 anos, fugiu da localidade de Galkayo para a capital Mogadíscio. Com a ajuda da avó, que vivia naquela cidade, após foi

para Londres trabalhar na embaixada da Somália, onde ficou escondida até os 18 anos. Lá, passou a enxergar a mutilação como um crime.

Nessa época, um fotógrafo descobriu sua beleza e, em pouco tempo, Waris ganhou projeção mundial. Em vez de lamentar o que havia sofrido, decidiu expor sua experiência com a esperança de que a realidade fosse transforma-

“A melhor forma de combater é com educação e leis seguras. Infelizmente, os governos não estão fazendo o suficiente para proteger as meninas”

da. A respeito, foi lançado o filme *Flor do Deserto*, dirigido por Sherry Hormann e muito divulgado em diversos países africanos, exceto na Somália, nação majoritariamente muçulmana e um dos lugares mais difíceis de abordar o tema. Para Waris, “a melhor forma de combater é com educação, pois é uma questão cultural. Além disso, você precisa de leis rigorosas, caso contrário, isso não vai parar. Infelizmente, os governos não estão fazendo o suficiente para proteger as meninas”.

A prática

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a mutilação genital afeta cerca de 140 milhões de mulheres e meninas em todo o mundo. Além do sofrimento a que as vítimas estão sujeitas, a circuncisão aumenta os riscos de as mulheres contraírem infecções e HIV. O processo consiste no corte de parte ou de toda a genitália externa da mulher e tem o objetivo de eliminar o prazer durante o sexo, causando danos físicos e psicológicos. Outra versão, chamada infibulação, é a costura dos lábios vaginais ou do clitóris. Tudo feito sem anestesia e com instrumentos inapropriados. “Nós recebemos muitos relatos de que as meninas fogem de suas casas ou escolas para escapar desse crime brutal. Podemos ver uma mudança, especialmente entre as mulheres jovens, mas ainda muito tímida, com relação à atitude da geração mais velha. Essas são completamente ignorantes e querem continuar

com essa loucura, em que os governos não fazem o suficiente para extirpar essa prática, destaca Waris. Em países como Somália, Guiné, Djibuti e Egito, cerca de 90% das mulheres entre 15 e 49 anos são mutiladas. Por outro lado, a prática tem diminuído em Benin, Libéria, Nigéria, Quênia, República Centro-Africana e na Tanzânia.

Em 2013, a Assembleia Geral da ONU aprovou, por unanimidade, uma resolução que proíbe a prática da mutilação genital feminina. Este ato significativo foi assinado pelos 194 Estados-membros. A resolução estimula a condenação das práticas nocivas às mulheres e às meninas na aplicação da legislação, além de angariar recursos para proteção das vítimas.

No dia 6 de fevereiro foi assinalado o Dia Internacional de Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina. “Quando eu comecei a fazer campanha, ninguém sabia sobre a prática. Hoje, muitas pessoas sabem sobre essa tortura cruel”, comenta Waris. Segundo dados da ONU, desde 2008, cerca de 10 mil comunidades em 15 países pararam com a mutilação feminina. Além disso, aproximadamente 1.775 comunidades em toda a África pretendem acabar com a prática.

“Estou muito feliz por ver, a cada dia, mais meninas e meninos se opondo a esse crime, por ver mais jovens engajados nessa causa. Eles estão conscientes da necessidade de fazer com que as leis não fiquem restritas a um pedaço de papel”, finaliza. ♦

TRÁFICO DE MULHERES

Todos os anos, dezenas de mulheres em busca de trabalhos vantajosos e mudança radical de vida caem na lãbia de pessoas sedutoras. Em geral, são moças simples, vulneráveis, que facilmente aceitam as propostas das aliciadoras e terminam mal

KARLA LUCENA

A ONU estima que o tráfico de pessoas movimenta mais de 32 bilhões de dólares em todo o mundo, sendo que 10% desse total está ligado à máfia no Brasil. De acordo com um estudo da Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça (SNJ/MJ), em parceria com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), 475 pessoas foram vítimas desse crime entre 2005 e 2011 no Brasil; desse total, 337 sofreram exploração sexual e

135 foram submetidas a trabalho escravo. O levantamento mostra ainda que a maioria das vítimas brasileiras procura como destino os seguintes países europeus: Holanda, Suíça e Espanha. No Brasil, Pernambuco, Bahia e Mato Grosso do Sul registram mais casos de vítimas.

Segundo informações do Ministério da Saúde (MS), em 2010, 52 vítimas de tráfico de pessoas procuraram os serviços de saúde. Em 2011, foram 80 vítimas. A Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência

da República (SPM) recebeu 76 denúncias de tráfico de pessoas em 2010 e 35 em 2011. Ainda de acordo com o MS, as vítimas que procuram os serviços de saúde são, na maioria, mulheres, na faixa etária entre 10 e 29 anos. “É o terceiro crime mais rentável do mundo; perde somente para o tráfico de drogas e armas. É um produto que não se deteriora, não se acaba no primeiro uso. Essas pessoas às vezes são exploradas por anos”, afirma Nelma Pontes, coordenadora da Comissão Executiva de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas em Goiás (CEETP-GO).

Propostas tentadoras

Um aspecto tem chamado a atenção dos investigadores. Dados da Polícia Federal revelam que são as mulheres, na maioria dos casos, as aliciadoras, recrutadoras ou traficantes, que somam perto de 55% dos indiciados. “Temos encontrado relatos de que as mulheres ou crianças foram aliciadas por mulheres.

Geralmente, o perfil desse criminoso é um parente próximo, uma prima, tia, amiga da amiga da irmã, uma conhecida do bairro; são pessoas que se mostram confiáveis”, ressalta Pontes.

Prevenção

Desde 2006, o Brasil conta com a Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, que tem por finalidade estabelecer princípios, diretrizes e ações de prevenção e repressão ao tráfico de pessoas e de atendimento às vítimas. Outro trabalho que foi reforçado é o de estimular as vítimas a denunciarem os traficantes. Muitas, ao conseguirem fugir e retornar ao Brasil, sentem medo de procurar a polícia. A vergonha também faz com que muitas delas resolvessem ficar caladas. “Infelizmente, nesse tipo de tráfico o produto do crime e a prova do crime é a pessoa. É muito difícil, principalmente para os órgãos de repressão, conseguir prender essas quadrilhas”, salienta Pontes. ♦

PREVINA-SE

Quando a oferta de emprego for fora do Brasil, o ideal é procurar os contatos do Consulado brasileiro no país onde está sendo oferecida a vaga. Outro cuidado a ser tomado é não entregar o passaporte para a pessoa responsável pela proposta de emprego e passar todos os contatos para a família. No Brasil, o mais indicado é procurar, antes de qualquer confirmação de viagem, um dos núcleos de enfrentamento ao tráfico de pessoas para evitar qualquer problema.



RETROSPECTIVA

FOTO: REPRODUÇÃO

REPAGINANDO A VIDA



MULHER NOSSA

VERA LEON

De cada dia, de cada cor, parindo anjos, empunhando bandeiras, abraçando ilusões, guardadas em véu, sedentas de amor

De Atenas, do Islã, da Bósnia, de Santiago ou da América. Mulheres, tantas, doces, tristes, infelizes, loucas, amargas, recatadas, duras, oferecidas, assustadas.

Mulheres, tantas e tantas que por aqui não passariam todas, que a nós não dariam tudo e que ao mundo pedem tão pouco.

Mulheres lindas, mutiladas, agredidas, agressivas, gritando conquistas, pedindo socorro de filho na barriga, mais um no colo e outro no mundo.

Mulheres princesas, de um dia ou de uma vida inteira, donas de poder, presas ao discurso, que apontam, condenam, calam e negam.

Mulheres de todas as prendas, de todas as cores de retrato na parede, toalha de linho e sininho à mesa, de saiotos engomados, de roupa nenhuma, apaixonadas igualmente.

Mulheres do passado e do agora, de panelas vazias e cabeça cheia, de barriga vazia e alma em transe, de coração vazio e existência absurda.

Mulheres do povo, do mundo, dos homens, guardadas em véu, expostas em sombras, tingidas de dor, alucinadas de prazer e sonho.

Mulheres meninas, fazendo meninos, parindo anjos, banhando-se em luz, comendo ilusão, pisando em falso, abraçando agonias.

Mulheres de véu, grinalda e planos de juras eternas e amores nem tanto, de missão cumprida e vontade esquecida.

Mulheres que dão vida, que deram a vida, empunharam bandeiras, saíram em busca, valeram princípios e deixaram sementes.

Mulheres de anos vividos, rosto enrugado, de ventre árido, de sangue acabado, de tempo que desaprova e não permite.

Mulheres atônitas na essência de si mesmas, perguntando quem são e quanto são entre a vontade e a culpa, e descobrindo, incrédulas, que são tudo nessa misteriosa fragmentação. ♦

ESTRELA DA CIÊNCIA

Única cientista a receber por duas vezes o Prêmio Nobel – de Física e de Química –, entregava medalhas e troféus para as filhas brincarem, mas foi responsável por grandes avanços na medicina nuclear atômica

SARA DE MARINS FREIRE FONTES

Marie Curie nasceu Manya Skłodowska na sofrida Polônia, em 1867. Ainda muito jovem, trabalhou como governanta em uma casa de família abastada de Varsóvia, com o objetivo de sustentar os estudos da irmã Bronya, na Sorbonne, França. Somente após a formatura desta, decidiu sair de seu país com a inquebrantável força de vontade para o estudo

da ciência. Chegou a Paris com pouquíssimos recursos. Residiu numa água-furtada, no sexto andar de um edifício sem elevador. Sentiu fome e frio. Havia pouco carvão para se aquecer, luz insuficiente, agasalho pobre, apenas dois vestidos. Chegou a desmaiar de fraqueza proveniente da fome, pois se alimentava apenas de chá e bolacha.

Primeiro Prêmio Nobel

Nesse período, conheceu Pierre Curie, com ele compartilhou a paixão pela ciência e formou um casal “estranho” aos olhos da sociedade. Obstinação, enfrentaram a pobreza e o desconforto, trabalhavam dia e noite. Foram longos anos que Marie viveu em sua determinação que a tornou a estrela maior da ciência e benfeitora da humanidade ao descobrir o rádio, responsável pelos tratamentos de câncer com base na energia atômica. Pela descoberta, o casal recebeu o Prêmio Nobel de Física em 1903. No entanto, os dois não aceitaram proveito financeiro, tampouco quiseram patentear-lo. “O rádio é instrumento de misericórdia e pertence à humanidade”, declaravam. A essa época, já tinham duas filhas; uma delas, Irène Joliot-Curie, seguiu a carreira dos pais e também chegou a receber um Prêmio Nobel de Química.

Segundo Prêmio Nobel

Em 1906, um choque abalou a fortaleza de Marie, com o falecimento de Pierre, vítima de acidente. Com um sofrimento indescritível, come-

çou a escrever-lhe grandes cartas. Para ela, o marido continuava vivo e a obra de ambos importava prosseguir. Após muita procura por um substituto para o professor Curie, a Universidade de Sorbonne integrou Marie à sua equipe. O nome dela ganhou notoriedade, mas a humildade regia seus atos. Quanto mais penetrava no universo da ciência, mais simples se tornava. Em 1911, recebeu o Prêmio Nobel de Química. Dessa vez, aceitou o dinheiro visando à ampliação de seus estudos científicos. No entanto, as honrarias e medalhas continuavam tendo o mesmo destino: as brincadeiras das filhas.

Em 1914, deflagrada a Primeira Guerra Mundial, Marie foi ao front, enviando as filhas para um lugar seguro e, pessoalmente, organizou a instalação de aparelhos de raios X nos carros para atender os feridos. Permaneceu à altura de sua missão, atendendo aos feridos, correligionários e adversários. Percorreu toda a França, sempre com uma palavra de esperança: “Não vai doer”, dizia-lhes. Morreu de leucemia, doença que obteve pela intensa exposição à radiação, e seu livro *Radioactivité*, publicado de maneira póstuma, é considerado um dos documentos fundadores dos estudos relacionados à radioatividade clássica. Suas descobertas trouxeram grandes avanços para a medicina: têm uso na radioterapia, raios x, radiação de alimentos (para conservá-los), entre muitas outras utilidades. As doses de radiação utilizadas em tratamentos são chamadas de microcuries. “Nada na vida é para ser temido. É tudo para ser somente entendido”, dizia. ♦

O ANJO DE HAMBURGO

"Esse Viver Ninguém Me Tira", é o filme que narra a vida da mulher que enfrentou o nazismo. Ela, mais que mulher de Guimarães Rosa, foi uma heróina, cujo nome figura nos Jardins dos Justos, em Jerusalém

DA REDAÇÃO

Aracy Moebius de Carvalho, uma brasileira, uma paranaense, nascida em 1908. Morou em São Paulo com seus pais. Em 1930, casou-se com o alemão Johan von Tess, com quem teve um filho, Eduardo Carvalho Tess. Cinco anos depois, separada foi morar na Alemanha com a mãe e a irmã. Por ser poliglota (português, inglês, francês e alemão), foi trabalhar junto ao consulado brasileiro em Hamburgo. Começou a ajudar os judeus depois do ocorrido na noite de 9 de novembro de 1938, conhecido como Kristallnacht (Noite dos Cristais). Naquele dia, hordas nazistas na Alemanha e na Áustria atacaram e destruíram sinagogas, residências e estabelecimentos comerciais judaicos, matando cerca de 90 pessoas, marcando o início da repressão aos judeus que terminaria na "solução final", o extermínio puro e simples.

Apesar de ter um filho pequeno e a mãe que dependia dela, Aracy não se intimidou. "Minha mãe achava aquilo tudo injusto, e ela ignorou a determinação do Itamaraty, e começando, com a maior discrição, a preparar os processos de vistos para judeus, à revelia de seus superiores", relembra seu filho, Eduardo Tess. Para tanto, ela contou com a cumplicidade de um funcionário da polícia de Hamburgo, que emitia passaportes para judeus sem o infame "J" vermelho, que os identificava como tais. Depois, colocava os vistos no meio da papelada que despachava com o cônsul-geral, que os assinava sem ver.

Desteminada, utilizava o carro do serviço consular

para transportar judeus que se escondiam em sua casa e nos lares de amigos, distribuía alimentos desviados da cota que o consulado recebia na época da guerra, período que a Alemanha vivia sob racionamento e muitas vezes transportava judeus no porta-malas do carro do consulado.

Casamento por procuração

Guimarães Rosa desembarcou em Hamburgo sozinho. No Brasil, deixou Lygia, sua primeira mulher, e duas filhas. Ao saber o que Aracy fazia, apoiou e a auxiliou, pois era cônsul adjunto pela embaixada. Com este contato e espírito de grandeza, ambos se apaixonaram.

Aracy ficou na Alemanha até 1942, ano em que o Brasil rompeu relações diplomáticas com o governo alemão, pois o governo brasileiro passou a apoiar os aliados. Aracy e Guimarães foram para o México e lá se casaram, já que em solo brasileiro não era aceito o divórcio. Os dois viveram juntos cerca de três décadas. Viajaram pela Europa, cujas impressões foram fonte de inspiração para livros como *Grande Sertão Veredas*: “Por esses longes todos eu passei, com pessoa minha amada no meu lado, a gente se querendo bem”, diz o jagunço Riobaldo, em cuja narrativa se estrutura o romance, em uma possível referência à companheira.

Depois de um breve período no Rio de Janeiro, Rosa foi enviado para a embaixada em Bogotá, na Colômbia, onde ficou por dois anos. Designada pelo Itamaraty para tarefas no Brasil, Aracy não pôde acompanhá-lo. Nesse período, recebeu dezenas de cartas apaixonadas do marido.



↑ Na dedicatória do *best seller* *Grande Sertão Veredas*, Guimarães anotou: “A Aracy, minha mulher, a Ara, pertence este livro”. Ela era Ara, ele Joãozinho

Amor e solidariedade

Nos anos que se seguiram, Guimarães Rosa conciliou a carreira diplomática com a de escritor. A procura por Sagarana, em 1946, foi tão grande que no mesmo ano foi publicada uma segunda edição. Dois anos depois, em agosto, o escritor foi transferido para a Embaixada do Brasil em Paris e, desta vez, foi acompanhado por Aracy.

Na volta ao Brasil, Rosa começa a empreender as viagens pelo sertão mineiro que seriam cruciais para as suas obras posteriores: *Corpo de Baile e Grande Sertão: Veredas*, ambas de 1956. A solidariedade do casal a perseguidos não se limitou à época do nazismo. Em 1964, eles ajudaram o jornalista e crítico literário Franklin de Oliveira a se exilar. Vitimado por um infarto, Rosa morreu em 19 de novembro de 1967, três dias depois de tomar posse na Academia Brasileira de Letras. Com 59 anos, Aracy continuou morando no apartamento do casal, em Copacabana, no Rio. Em 1968, quando as trevas do AI-5 desabaram sobre o país, mesmo viúva, escondeu o compositor Geraldo Vandré, perseguido pela ditadura militar. Aracy faleceu em 28 de fevereiro de 2011. ♦

A notoriedade de Aracy é para ser aplaudida, elogiada por brasileiros, judeus, alemães e por todos que admiram a coragem de uma destemida mulher



SENHORA ALMIRANTE

Primeira mulher a alcançar o posto de contra-almirante da Marinha de Guerra do Brasil fala de sua trajetória e acredita que as mulheres podem, e devem, batalhar para ser tudo aquilo que desejarem ser na vida

PAULA COELHO

Dalva Maria Carvalho Mendes é a brasileira que tem a mais alta patente militar já alcançada por uma mulher. A anesteologista carioca, que se declara eternamente apaixonada pela medicina, entrou na Marinha de Guerra, na 1ª turma feminina admitida pelas forças armadas em 1981. Hoje, carrega o título de contra-almirante. Em entrevista à revista *Persona Mulher*, conta que ficou bastante emocionada ao receber a nova promoção e encara como uma renovação de seu casamento com a marinha e o Brasil. Viúva, mãe de dois filhos, a contra-almirante defende a participação da mulher em qualquer ramo de atividade. Como exemplo de garra e perseverança, relata que, quando menina, se divertia no barco de pesca do pai, mas nunca imaginou

que chegaria onde chegou unindo suas duas grandes paixões: o mar e a medicina. Vinda de uma família pobre, a mãe era dona de casa e o pai torneiro mecânico, estudou sempre em colégios públicos. A respeito da nova patente, confessa: “fiquei muito surpresa com toda a divulgação. Não esperava que fosse repercutir tanto. É muito interessante, porque percebo que o meu exemplo pode se estender a outras mulheres e isso é um estímulo para que elas se afirmem. Acho que as mulheres de maneira geral têm essa dificuldade em se reconhecer como profissionais, como protagonistas, têm uma autoestima um pouco diminuída. Então esse reconhecimento que obtive, com certeza é muito importante”, enfatiza

Família e sociedade

Viúva há seis anos, e mãe de um casal de filhos, a contra-almirante relembra do marido com muito carinho. Os dois se conheceram ainda jovens: ela tinha 14 anos e ele, o engenheiro Rodolfo de Castro Mendes, apenas 19. Mas Dalva afirma: “ele não foi um marido, foi um companheiro. Me ajudou demais com os filhos, sem ele não estaria onde estou”, ressalta,

Para ela, na sociedade de hoje, pior do que a crise econômica é a crise de valores. “Eu acho que se você não se corrompe e nem se submete, fica mais apto a enfrentar as lutas do dia a dia, porque você conhece a realidade da vida e sabe que ela não te dá nada de bandeja, e que é preciso conquistar o seu espaço com retidão” ♦





SENHORA COMANDANTE

MARCIA DENISE SILVEIRA

Hildelene Lobato Bahia ingressou na primeira turma de mulheres oficiais da Marinha Mercante por acaso, até então não sabia nadar. Em 1997, formada em Ciências Contábeis, fez a prova só para acompanhar e dar uma força ao irmão. “Para minha surpresa, eu passei e ele não”, recorda. Aprovada em 24º lugar, passou a integrar o primeiro quadro feminino do Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar (Ciaba), em Belém - PA. Com ela, mais 13 alunas aceitaram o difícil desafio de embarcar em um universo, até então, exclusivamente masculino. “Fui integrante da primeira turma de mulheres candidatas a oficiais da Marinha Mercante. E acabei tomando gosto pelas ciências náuticas”, afirma.

Além dos desafios da vida em alto mar, como sentimentos de solidão

e saudade, ela teve que driblar a desconfiança dos colegas e o medo da família. “No começo, quando eu e mais quatro mulheres embarcamos num navio da Transpetro, os homens estranharam. É como se estivessem dizendo: ‘O que essas mulheres estão fazendo aqui? Será que elas querem o nosso lugar?’. Mas a Transpetro preparou seus oficiais para dar um tratamento especial para as primeiras turmas de mulheres que treinavam nos navios. As estudantes se sentiam bem tratadas e protegidas. Eu jamais sofri qualquer tipo de assédio”, revela. Com relação à família, Hildelene diz que no início ficaram assustados, mas que hoje sentem orgulho da sua decisão. “A minha mãe, em princípio, ficou assustada quando soube da mudança radical na minha vida. Poucas mulheres, cercadas de muitos homens, no meio do mar.

Cruzando os sete mares, tornou-se a primeira comandante da Marinha Mercante, sem dispensar o batom

Ela costumava pedir que eu voltasse para casa. O meu pai continuava querendo que eu fizesse faculdade de Direito. Com o meu progresso profissional, eles mudaram de atitude. Hoje virei o xodó da família.”

Sua trajetória na Marinha sempre foi marcada pelo pioneirismo. Em 2001, já formada, ao ser contratada pela Transpetro, tornou-se uma das primeiras mulheres a trabalhar na frota da maior armadora da América Latina. Em 2003, prestou concurso e passou a integrar definitivamente o quadro da frota. No navio Lorena, foi segundo e primeiro piloto, sendo a primeira mulher brasileira a chegar a imediato – que é o segundo cargo na hierarquia de um navio - e a primeira capitã de cabotagem. Em 2010, assumiu o comando do Carangola, navio da Transpetro, tornando-se a primeira brasileira a assumir o comando de um navio da Marinha Mercante. Feito esse, segundo ela, o momento mais feliz e mais importante da sua carreira. “Ser a primeira comandante de um navio no Brasil é um orgulho e uma superação por ter conquistado uma nova abertura para o mercado feminino. Estou muito orgulhosa. No começo poderia haver certo preconceito pelo fato de um homem ser comandado por uma mulher no navio. Algumas pessoas “testavam”, a minha capacidade profissional. Hoje, ouço vários comentários de tripulantes elogiando a atuação das mulheres oficiais. Quanto a mim, posso dizer que me sinto mais tranquila pilotando um navio da Transpetro do que dirigindo um carro numa cidade como o Rio de Janeiro”, revela.

Dentre os muitos fatos interessantes desde sua primeira viagem, ela destaca um que ocorreu no Bahrein, no Golfo Pérsico. “Quando o navio do qual eu era imediata atracou no estaleiro para reparos, senti a surpresa dos operários árabes ao serem comandados por uma mulher. Mas tudo ficou tranquilo quando eles constataram que eu tinha a qualificação necessária para coordenar a operação”, conta com satisfação. O mais importante, de acordo com ela, é mostrar competência e condições de ser um líder para os seus tripulantes. “Sei que estou abrindo um caminho para outras mulheres. Quando fui promovida a imediato não havia outras mulheres no cargo, e hoje há muitas.” ♦

◀ Comandante Hildelene Lobato, no comando sem perder a vaidade



RETROSPECTIVA

FOTOS: HENRIQUE KAZAO





AMAZÔNIA MULHER

A alarmante situação de desmatamento na Amazônia tem motivado grupos ambientalistas a lutar pela preservação da floresta, em que se incluem as mulheres consideradas as guerreiras das matas

MICHELLE D'AVILA PIZZOLANTE

A região compreendida pela Amazônia Legal estende-se por nove estados brasileiros e ocupa 61% do país. De acordo com o IBGE, a linha de fronteira dessa área possui 11 mil quilômetros de extensão, dividido entre a Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. Seu Principal rio, o Amazonas, possui um quinto da água doce, sendo o de maior volume do planeta. Possui uma população de 25 milhões de habitantes, em que aproximadamente oito milhões são mulheres, ribeirinhas, índias, líderes de movimentos sociais e trabalhadoras que, de um modo ou de outro, ajudaram a criar essa rica cultura e história amazônica. Contra a expansão da agricultura em modelo predatório, lutam pela defesa da diversidade ecológica, denunciam os estupros a que estão sujeitas e a ambição de madeireiros com suas motosserras.

Elas são as mulheres amazônicas que povoam o cinturão verde do país e constituem um segmento silencioso, fora das estatísticas, embora acostumadas a lidar com as florestas no trato com a natureza, de que são legítimas representantes, em um contexto que tem relação íntima com a fauna e flora, a lhes proporcionar conhecimentos de ervas medicinais e frutos de uma região rica por sua biodiversidade. Fato que as legitimam quanto a participação nos processos de desenvolvimento que envolvem a sustentabilidade ambiental, em que se incluem também as cientistas, biólogas que lutam pela preservação da região mais rica do planeta. ♦

AS CRIMINOSAS DO SERTÃO

Na busca por liberdade, seguindo os passos de Maria Bonita, elas abraçaram a vida no cangaço e foram taxadas de criminosas

DA REDAÇÃO

As cangaceiras entraram para a história como criminosas, mas a realidade dessas mulheres, que nas décadas de 1930 e 1940 abandonaram a família para viver em liberdade, é bem diferente. Maria Bonita, a famosa companheira de Lampião, foi a primeira figura feminina a ingressar no cangaço, em meados de 1930. A partir daí, mais de 30 mulheres participaram da vida nos bandos. Para a historiadora Ana Paula Saraiva de Freitas, com faixa etária que variava de 14 a 26

anos, e origens socioeconômicas diversas, incluindo famílias abastadas, elas viam no cangaço uma oportunidade para romper com os padrões sociais: “naquele grupo poderiam conquistar outros espaços além da esfera privada do lar e tinham a oportunidade de escolher seus parceiros sem a interferência dos acordos familiares.”

Embora os motivos fossem variados, a maioria que aderiu ao cangaço carregava a ilusão de que viveria em festa e teria liberdade, sensação alimentada pela vida nômade e errante daqueles

homens. No entanto, a realidade revelou um cotidiano bem mais complicado com embates violentos contra forças policiais, falta de alimentos, água e lugar para descansar, além de caminhadas de quilômetros sob sol e chuva. Segundo Ana, integradas ao bando, as jovens tinham que se adaptar à nova vida, sem chance para arrependimento, já que tentar fugir implicava retaliações tanto por parte de cangaceiros quanto por parte das volantes, como eram chamados os grupos de policiais que perseguiram os “bandidos do sertão”. “Nesse espaço permeado pela violência, eram submetidas aos desejos sexuais de seu raptor, sem contato com a família, sentenciadas à morte em caso de adultério e envolvidas nos confrontos com forças policiais. Capturadas pelas volantes, apanhavam, eram estupradas e sofriam diversas humilhações”, ressalta.

A Bahia foi o estado que forneceu maior número de moças ao banditismo do sertão nordestino, seguida por Sergipe, Alagoas e Pernambuco. Segundo Ana, a presença feminina era mencionada de forma genérica e depreciativa na imprensa da época. “Nos jornais O Estado de São Paulo e Correio de Manhã, aquelas mulheres eram chamadas de bandleiras, megeras e amantes. Eram estereotipadas como masculinizadas, belicosas e criminosas, além de serem tratadas como objetos de satisfação sexual.”

Porém, para a historiadora, as imagens apresentadas pelos jor-

nais, difere das que o fotógrafo sírio-libanês Benjamin Abrahão Boto produziu na década de 1930. “Suas fotografias mostram como as cangaceiras pretendiam ser lembradas: realçam sua feminilidade, evidenciam cuidados com o corpo, a aparência e a postura, destacam a beleza dos trajés e o apreço por joias. Essas preocupações ficam explícitas nas fotos em que algumas – como Maria Bonita – reproduziram a postura e o gestual das mulheres da elite rural e urbana”, pondera.

Segundo Ana Paula, as práticas e as representações das mulheres naquele universo da caatinga foram variadas, e não tinham um perfil único. Quando o cangaço chegou ao fim, cada uma teve de reconstruir sua vida conforme os parâmetros sociais vigentes. Do cotidiano duro e arriscado das andanças pelo sertão, as ex-cangaceiras largaram as armas e a fama de criminosas para encarar outros papéis. ♦

▼ Maria Bonita, companheira de Lampião e a primeira mulher a participar de um grupo de cangaceiros

MULHERES VOTAM

Em eleição simbólica, mulheres vão as urnas pela primeira vez na Arábia Saudita, em que a autoridade máxima do clero classifica como "o abrir as portas do mal"

DA REDAÇÃO

Para Assembléias Municipais, 900 sauditas concorreram contra 6.440 homens, em que 13 foram eleitas em todo país, debaixo de muitas restrições, em uma eleição de fachada, proibidas de falarem ao eleitorado masculino, em que foram as urnas acompanhadas de um homem da família.

Mesmo assim, Kadra Mubarak, eleita pela cidade de Qatif, prometeu ser a voz das mulheres em suas demandas junto ao Conselho. Pela mesma cidade, a feminista Nassina Al-Sadat, comemorou a vitória pelas redes sociais: "Eu digo a vocês há

meses que as mulheres vão surpreendê-los", proclamou.

De uma maneira geral, pela internet, quase todas com lágrimas nos olhos, declararam o quanto estavam felizes de participar de uma eleição em que somente viam pela televisão de outros países.

A Arábia Saudita é o único país do mundo no qual as mulheres não podem dirigir automóveis, exercendo o marido, pai ou filho a função de guardião destas, impedidas de viajarem para o exterior desacompanhadas, com carreiras profissionais limitadas, em que a maioria, usam vestes negras, em que aparecem apenas os olhos.

VAMOS JUNTAS?

DA REDAÇÃO

Caminhar por ruas, parques e praças escuras sozinha nunca foi uma tarefa fácil para nenhuma mulher. Mas esta é a realidade de muitas que precisam conviver com o medo e a insegurança de circular pelas vias das grandes cidades, na volta do trabalho ou dos estudos.

Para a jornalista Babi Souza, que diariamente percorre um trajeto considerado perigoso em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, diante de situações como essa, o alívio surge quando se avista outra mulher. “Só as mulheres entendem o alívio de olhar para trás na rua e ver que a pessoa que está caminhando atrás dela é outra mulher”, observa.

Assim nasceu a campanha “Vamos juntas?”, que tem como objetivo aproximar as mulheres, sugerindo que elas passem a andar

juntas.

O movimento, lançado há menos de três meses, que na primeira semana teve mais de 36 mil curtidas, hoje, ultrapassa as 224 mil e tem inúmeras adesões em todo o país. “É impressionante como as pessoas se identificam com essa situação. Os homens nunca vão entender 100% como é importante esse tipo de união, porque temem, no máximo, um assalto, enquanto a maioria das mulheres tem medo de violência sexual”, constata a jornalista.

Babi atribui o sucesso da campanha ao simples fato de a ideia focar em um problema muito real na vida da maioria das mulheres. “Na verdade, tem o lado mais prático de irmos juntas, mas o que mais tem encantado é a coisa de que nós podemos juntas formar algo mais forte do que separadas. Está relacionado ao termo sororidade (irmandade entre as mulheres).” ♦

Movimento une mulheres contra violência que estão sujeitas ao circular nas grandes cidades

EQUIDADE

“Sim, existe um problema de gênero que ainda hoje temos de resolver e fazer melhor. Todos nós, mulheres e homens, podemos fazer melhor”

O FEMINISMO LIBERTA O HOMEM

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora e palestrante nigeriana aclamada pela crítica internacional. Ganhadora de prêmios importantes da literatura mundial, figura na lista dos 20 autores de ficção mais influentes com menos de 40 anos.

Traduzida para cerca de 30 línguas, sua obra tem o feminismo como fio condutor. Ainda que a condição feminina ao redor do mundo esteja muito aquém da ideal, ela acredita em mudanças. “A cultura não faz os povos, os povos fazem a cultura. Se uma humani-

dade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, temos que mudar essa cultura”, convoca.

Quando foi apontada pela primeira vez como feminista, aos 14 anos, pelo amigo de infância Okoloma, mesmo sem saber o significado, percebeu pelo tom de voz que não era um elogio. “Foi como se ele dissesse: ‘Você é terrorista’. Ao chegar em casa e procurar pela palavra no dicionário, foi este significado que encontrei: ‘Feminista: pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos’. Okoloma tinha razão. Sou feminista, assim como minha bisavó, pelas histórias que ouvi,

Escritora nigeriana acredita que a maneira de criação de meninos e meninas diferenciada é nociva para a sociedade

era feminista. Ela fugiu da casa do sujeito com quem não queria casar e casou com o homem que escolheu. Ela não conhecia a palavra 'feminista'. Mas já o era", argumenta. "No entanto, mais mulheres deveriam reivindicar essa palavra. A meu ver, feminista é o homem ou a mulher que diz: 'Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos de resolver, podemos fazer melhor'. Todos nós, mulheres e homens, podemos fazer melhor. Assim será melhor para o homem também", afirma.

Em *Devemos Todos Ser Feministas*, palestra que virou hit na Internet após ter parte musicada pela cantora Beyoncé, Chimamanda fala sobre o que significa ser feminista no século XXI e por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres. Com um discurso bem-humorado, sagaz, revelador e inovador, partindo da experiência pessoal, ela acredita na construção de uma nova sociedade e propõe a reconstrução de gênero.

"A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo, mais compartilhado. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar, precisamos criar nossas filhas e filhos de uma maneira diferente", propõe.

Para a escritora, a maneira como meninos e meninas ainda são criados é nociva e perniciosa. Os me-

nos aprendem a não chorar, não serem muito carinhosos, serem sérios e competitivos, e as meninas aprendem como se sentar, como se vestir, como falar com um homem, e como o casamento é maravilhoso.

"Abafamos a humanidade que existe nos meninos. Ensina-mos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis. Precisam esconder quem realmente são para serem homens durões, no que o feminismo o liberta. E às meninas, ensinamos que nos relacionamentos é a mulher quem deve abrir mão das coisas. Criamos nossas filhas para enxergar as outras como rivais da atenção masculina. Ensina-mos as meninas a sentirem vergonha, a se encolherem, a se diminu-írem, ao lhes dizer: 'Fecha as pernas, olha o decote. Você pode ter ambição, mas não muita. Deve almejar o sucesso, mas não muito. Se você é a provedora da família, finja que não é, sobretudo em público, senão você emasculará o homem'. Seríamos bem mais felizes, mais livres para ser quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero", constata.

As mulheres, segundo Chimamanda, precisam aprender a dizer não a tudo isso, e todos, mulheres e homens, devem ter raiva frente às desigualdades de gênero. "Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar. A construção de gênero no modo como funciona atualmente é injusta. Mas acredito na evolução da humanidade", conclui. ♦

FRUTAS, CHAMPAGNE E UM FELIZ ANO NOVO

DA REDAÇÃO

Pular ondas, jogar flores no mar, tomar banho com folhas diversas, acender velas coloridas, usar roupa íntima de cores reveladoras. Tudo isso faz parte do grande número de simpatias que existem na virada do ano. Nesta época, o lema indiscutível é: recomeçar. Portanto, não há problema algum em deixar para trás o que foi ruim e se abastecer de pensamentos positivos, na confiança de que o ano que vem será muito melhor.

As cores não são apenas fatores decorativos. Cada cor tem um significado diferente. O branco, representa o desejo de paz e harmonia. O rosa e o amarelo são sinônimos de serenidade e prosperidade financeira, respectivamente.

A época é totalmente a favor de melhoras, mudanças,

As simpatias que podem ajudar a chegada de um próspero ano novo e um prazeroso adeus ao ano velho. Quem nunca fez que atire a primeira figa

renovações. Nunca é tarde para recuperar o tempo perdido e arrumar o que não satisfaz.

Independente de haver de fato uma crença quanto ao ritual, o importante é que todos esses costumes trazem em si o desejo de melhorar. Mesmo para quem se encontra em uma situação difícil e desanimadora, a ocasião é perfeita para trazer à tona a busca pela felicidade que todo ser humano comporta, ainda que inconscientemente.

É essencial deixar de lado todos os acontecimentos negativos, fechando o ciclo e corrigindo os erros do passado para que o novo ano seja cada vez melhor. E assim será!

Seja qual for seu objetivo, aqui você encontrará a simpatia certa a se fazer. Pegue um copo, uma fruta, várias folhas e cores e sinta a magia. ♦



Sorte no amor:

Do dia 31 para o dia 1º use uma roupa íntima nova e garanta um futuro positivo na relação. Se o objetivo é conquistar um amor, escreva o nome dele sete vezes na sola de seu sapato esquerdo. À meia-noite do dia 31 bata sete vezes com o pé que tem o nome escrito no chão, repetindo o nome do seu futuro amor.

Energias negativas:

No dia 30 de dezembro, tome um banho com folhas de arruda, alecrim, manjerição e vasourinha, que devem ser colocadas na água fervendo. Espere a água esfriar e jogue sobre sua cabeça.

Harmonia:

Use branco, ilumine também a casa com luzes e velas e deixe portas e janelas bem abertas para receber a luz do novo ano.

Prosperidade:

Use uma peça de roupa amarela. O amarelo representa o poder do ouro. Coloque ainda uma nota de dinheiro dentro do sapato na noite da passagem do ano novo. Ponha seis moedas embaixo do tapete da porta de entrada da casa. Jogar moedas para fora da casa à meia-noite também atrai riqueza.

Para atrair coisas boas:

Pule com o pé direito à meia-noite. Sem derramar, dê três pulos com uma taça de champagne na mão. Depois, jogue todo o líquido para trás, para deixar no passado tudo de ruim que aconteceu. Logo após as doze badaladas, coma doze uvas grandes ou romãs e guarde os caroços na carteira. À meia-noite morda uma maçã vermelha, enquanto mentaliza o que quer conquistar.

Comidas da sorte:

Lentilhas: Traz fartura à mesa. É recomendado também comer um prato de lentilha, à meia-noite, em cima de uma cadeira. O momento é para pensar em coisas felizes e pedir felicidade e saúde para sua vida. Para garantir o dinheiro, somente com a famosa sopa de lentilha, podendo ainda guardar na carteira alguns grãos crus.



Uvas: Comer a quantidade correspondente ao seu número de sorte garante fartura de comida. Para ter dinheiro, guarde as sementes na carteira ou na bolsa, até trocar na próxima virada de ano. Quem não possui um número da sorte pode fazer a simpatia com sete uvas.

Romãs: Para atrair dinheiro, coma sete partes e guarde as sementes na carteira. Coloque uma romã dentro de um saquinho de pano de cor vermelha e ofereça aos três Reis Magos. A seguir, coloque atrás da porta da sala. Essa simpatia deve ser feita no dia 6 de janeiro.



Aves: Ao contrário do que muitos acham, o peru e outras aves devem ser evitados, pois piscam para trás. A conotação invoca o passado, ou seja, indica a permanência das coisas ruins em vez de mudança.

Carne de Porco: Prato principal na ceia. Como o porco fuça para frente, garante abundância o ano todo. O mesmo serve para os peixes. Ambos podem fazer parte do cardápio de qualquer ceia.





Há 92 anos atua no mercado de mudanças residenciais e comerciais, nacionais e internacionais

GM Copacabana

Tradição, qualidade e experiência desde 1923, simboliza excelência no setor de mudanças nacionais e internacionais

GM Copacabana atua há 92 anos no segmento de mudanças nacionais e internacionais, transportes de obras de arte e armazenagem.

Desde o início de suas atividades, a empresa tem como filosofia de trabalho a prestação de serviços diferenciados sempre com foco na satisfação dos clientes. Tal comprometimento a faz referência no mercado de transporte nacional e internacional, sendo reconhecida por clientes e parceiros.

Atuando de forma integrada entre seus segmentos, a empresa está capacitada a prestar um atendimento completo em exportação e importação, sempre atenta às necessidades dos clientes. Oferece, por exemplo, assessoria antecipada àqueles que pretendem mudar para o exterior, assistindo de forma adequada os anseios mais importantes e inesperados.

Respondendo à crescente demanda por assessoria especializada em serviços na indústria de mobilidade global, a GM Copacabana não só reabriu a antiga divisão internacional, que foi

pioneira em exportação e importação no país, como inaugurou duas novas divisões, a museologia e obras de arte, que tem como foco exposições de arte e sua logística, desde a embalagem, montagem e desmontagem de uma exibição, e a divisão de realocação internacional, que objetiva auxiliar na adaptação de estrangeiros e familiares realocados no Brasil.

Uma existência movida pela evolução, cuja qualidade dos serviços, valores e atendimento personalizado sempre foi a base para o seu sucesso. ♦

Contato:

– Rua Sete de Março, 30 – Bonsucesso – Rio de Janeiro.

Tels: (21)2270

6536/31057848.

www.gmcopacabana.com

internacional@

mudancascopacabana.com





Quarteto Itálico harmoniza o momento da refeição com músicas típicas italianas todas as noites

Don Camillo Ristorante e Pizzeria - Av. Atlântica, 3.056 - Copacabana - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2549-9958 - Fax. (21) 2255-5126

Restaurante Albamar O castelo da Praça XV

A história do Albamar se confunde com a do Rio de Janeiro. Construído há 82 anos, em 1933, no antigo mercado da Praça XV, o Albamar mantém a tradição de oferecer o melhor cardápio de peixe da cidade. A descortinar a Baía da Guanabara, é um cartão-postal nas comemorações do Rio, 450 Anos

Praça Marechal Âncora, 184 – Centro
Reservas: tel. (21) 2240-8378 / 2240-8428
De segunda a domingo, das 12h às 17h
www.albamar.com.br
eventos@albamar.com.br



Personamulher

SUA REVISTA NA ERA DIGITAL

Para mulheres de Língua Portuguesa

A globalização como processo de
empoderamento feminino

- Cultura ● Política ● Economia
- Ciência ● Equidade ● Beleza ● Moda
- Saúde ● Turismo ● Atualidades



www.personamulher.com